

A maioria dos textos deste livro tem relação direta com o mundo do cinema e das Imagens. Alguns eram, originalmente, roteiros,, concluídos ou inacabados, mas nunca filmados, que acabaram em prosa literária.

Em uma linguagem direta e coloquial, o livro versa sobre temas do cotidiano de forma pouco convencional, com humor e uma certa inflexão pop.

Este livro também pode ser encarado como uma vingança da literatura pelos milhões de maus filmes adaptados de bons textos, com alguma esperança de que filmes nunca realizados possam se transformarem bons contos.



Contos cinematográficos reúne textos que inicialmente foram escritos para roteiro de cinema e que, mais tarde, foram vertidos em prosa literária.

"Quem descreve uma mulher maravilhosa, uma praia paradisíaca ou um succulento jantar, conta com o auxílio luxuoso da cabeça alheia, capaz de fabricar, seguindo as especificações de suas fantasias, o seu próprio jantar paradisíaco, praia maravilhosa ou mulher succulenta.(...) Por isso me rio de inveja por estes teus Contos Cinematográficos.

Já estão prontos, só falta não filmar.

Jorge Furtado

O AUTOR

Carlos Gerbase, 41 anos, é jornalista (faz crítica de cinema no portal Terra e dá aula na Faculdade de Comunicação Social da PUCRS), dirige filmes (10 curtas e 3 longas, o último deles, Tolerância, lançado em novembro de 2000), canta na banda de rock Os Replicantes e trabalha como roteirista de TV na Rede Globo (escreveu Memorial de Maria Moura, Engraçadinha e Luna Caliente). Seu primeiro livro de contos, Comigo Não, foi lançado em 1987.

O autor	3
Imaginando coisas	6
Ao leitor.....	7
Minha vida até aqui (melhores momentos)	8
A importância do currículo na carreira artística.....	21
Glenda.....	24
O mau caminho e o caminho do bem	26
Antunes e Frank.....	31
Luzia	34
O infernal Farias	37
Vanessa.....	40
Minizão.....	44
O pequeno Guto.....	46
Kit 21	51
A crise fez de mim um monstro.....	53
Ana não se engana	59
Feliz feira nova	61
O caso da erva galhuda.....	65
Vera Lúcia	73

"Homem nenhum colocaria uma palavra no papel se tivesse a coragem de viver aquilo em que acredita."

Henry Miller

"Quero ajuda para escrever um livro."

"Quanto menos ajuda dos outros, melhor."

Rubem Fonseca (O Caso Morei)

"Até pra picaretagem é preciso um pouco de talento."

(Anônimo)

IMAGINANDO COISAS

Alô, Gerbase.

Nos velhos e bons filmes de terror sempre tinha um coadjuvante, aqueles que morrem bem no início, que enxergavam o monstro no telhado ou no quintal. O pobre sujeito corria em busca de ajuda e avisava: "Eu vi um monstro, horrível, quatro braços, três olhos e duas bocas, engolindo o cachorro da vizinha!". Os amigos trocavam olhares de escárnio e diziam: "Calma, você está imaginando coisas. Quem sabe umas férias nas montanhas?". O coitado ainda insistia um pouco enquanto mostrava a coleira vazia do Totó. Mas acabava duvidando de seus próprios olhos e voltando para casa para, ai sim, ser esartejado.

Acho que imaginar coisas, monstros de duas bocas, histórias exemplares, divertidas ou escabrosas, é um saudável passatempo infantil que, em alguns casos, acaba virando profissão. Talvez por uma mistura de solidarismo marxista, culpa católica e vaidade, talvez por puro exibicionismo, alguns resolvem tornar as coisas imaginadas visíveis a outros seres humanos. E, se possível, cobrar por isso. O cinema é a versão mais direta dessa brincadeira: o autor imagina, o público vê. A gente sabe, claro, que o público não vê exatamente aquilo que o autor imagina. Na cabeça do autor o quintal era maior, a moça era mais magra e o monstro não tinha um zíper nas costas. Faltou verba, desculpe, quem sabe no próximo. Por isso a palavra escrita é tão fascinante. Quem descreve uma mulher maravilhosa, uma praia paradisíaca ou um suculento jantar conta com o auxílio luxuoso da cabeça alheia, capaz de fabricar seguindo as especificações de suas fantasias, o seu próprio jantar paradisíaco, praia maravilhosa ou mulher suculeta. Metade do serviço quem faz é o cliente. Por isso me roo de inveja por estes teus Contos Cinematográficos. Já estão prontos, só falta não filmar. Li os contos e, cara, tu tá imaginando coisas. Que tal umas férias nas montanhas?

Jorge Furtado

AO LEITOR

A maioria dos textos a seguir - conforme indica o título deste livro - tem relação direta com o mundo do cinema e das imagens, por onde, nos últimos anos, tenho transitado com muito mais assiduidade do que no campo literário. Minha vida até aqui (melhores momentos), O mau caminho e o caminho do bem, O pequeno Guto, Kit 21, A crise fez de mim um monstro e O caso da erva galhuda eram, originalmente, roteiros, concluídos ou inacabados, mas nunca filmados, que acabei vertendo para a prosa literária fazendo apenas as modificações essenciais, com exceção do primeiro, em que trabalhei com maior profundidade.

Vera Lúcia, Glenda, Luzia e O infernal Farias foram inspirados por desenhos de Alex Sernambi (diretor de fotografia de todos os meus filmes mais recentes), numa série publicada originalmente na revista on-line NÃO (www.não-til.com.br). Os personagens, os cenários e a própria história desses contos são, na verdade, interpretações literárias das imagens criadas por Alex em seu computador. Já Vanessa foi escrito como estudo preliminar de um roteiro em que estou trabalhando ao lado do cineasta José Pedro Goulart.

Restam, como contos de origem puramente literária, A importância do currículo na carreira artística (que trata de uma situação clássica no mundo audiovisual: os testes para atores), Antunes e Frank, Minizão (que pretendia ser o primeiro de uma série de contos para adolescentes chamada Porto-alegrenses), Ana não se engana (escrito especialmente para a revista da cervejaria Dado Bier) e Feliz Feira Nova (escrito para o jornal da Feira do Livro de Porto Alegre).

Eu, pessoalmente, não gosto de ler roteiros. Acho que eles são ferramenta de trabalho para a realização de um filme ou objeto de estudo de quem gosta de cinema. Mas é uma pena que histórias nunca filmadas e eventualmente divertidas permaneçam no limbo. Assim, este livro também pode ser encarado como uma vingança da literatura pelos milhões de maus filmes adaptados de bons textos, com alguma esperança de que filmes nunca realizados (e estes são os piores!) possam se transformar em bons contos.

Cinema e literatura, apesar de serem linguagens distintas, são atividades igualmente prazerosas e complementares, que me permitem refletir um pouco sobre o mundo e, em última análise, sobre mim mesmo. Ver estes contos publicados talvez me ajude a encarar com mais tranquilidade minha antiga e incurável esquizofrenia profissional.

Carlos Gerbase

MINHA VIDA ATÉ AQUI (MELHORES MOMENTOS)

1

Naquele tempo, quando ainda pretendia ganhar a vida como baixista, estava lendo um livro chamado Homem Total e Parapsicologia, de Albino Aresi, um frei capuchinho que tinha fundado uma associação para estudar a alma humana. A primeira frase, recorde até hoje, era a seguinte: "Este livro foi feito para dar ao leitor o máximo de segurança e de verdades filosóficas, ou as mais prováveis". Eu achava fantástico que alguém estivesse me oferecendo verdades filosóficas absolutas, ou pelo menos as mais prováveis. Era um livro muito instrutivo, e eu tinha certeza que, se conseguisse ler até o fim, a minha vida tomaria um rumo completamente diferente.

2

Minha banda ensaiava num estúdio pequeno, tentando criar um repertório moderno e eclético que, imaginávamos, nos garantiria muita fama e dinheiro em pouco tempo. Fazíamos poucos shows e tentávamos comer as poucas fãs (de minha parte, com muito pouco sucesso). Lembro bem do nosso último ensaio. Esquilo, o baterista, entrou no estúdio segurando um copo de cerveja e o estojo dos pratos. Sentou na bateria, abriu o estojo, pegou uma baqueta, procurou mais alguma coisa e não achou.

"Tu tem uma baqueta pra me emprestar?", perguntou pra mim.

"Claro que não", respondi. "Por que eu teria uma baqueta?"

"Porra, eu sabia que não devia ter dado a baqueta no final do show. E a gurria era feia, acredita? Eu dei uma baqueta pra uma gurria feia e agora tô empenhado e não posso ensaiar."

"Às vezes tem umas baquetas velhas perdidas aí pelos cantos."

Ele começou a procurar atrás das caixas de som. "Às vezes as feias são mais fáceis de comer", filosofou Esquilo. "Mas aquela nem isso."

A porta abriu outra vez e Altamirando, o guitarrista, entrou, com o estojo da guitarra em punho. E foi logo perguntando:

"Vocês têm uma palheta pra me emprestar?"

"Não" respondi.

"Claro que não, ô, babaca", disse Esquilo. "Vai dizer que tá sem palheta?"

"Tó", confessou Altamirando. "Eu dei pra uma gurria no final do show."

"Uma guria feia, com cara de cavalo?", perguntou Esqui-lo. "Eu também entrei nessa roubada e..."

"Não", cortou Altamirando. "Ela é linda. Parece a Kim Basinger só que é morena."

Esquilo riu, irônico.

"Depois de quantas cervejas tu achou ela parecida com a Kim Basinger?"

Aí a porta abriu e entrou uma menina linda, parecida com a Kim Basinger só que morena, e disse, olhando para Altamirando:

"Telefone pra ti, amor."

Altamirando sorriu e disse para o Equilo:

"Esta é a Kim."

E os dois saíram do estúdio, deixando-nos atônitos.

"Eu vou matar esse cara", disse Esquilo. "Com palheta ou sem palheta, eu mato ele."

"Sabe", pensei em voz alta, "eu li uma vez que as garotas bonitas são muito mais fáceis de comer que as feias."

"Por quê?", perguntou Esquilo.

"Todo mundo dá em cima delas, o tempo todo, e aí as defesas vão caindo. Elas acabam topando por cansaço. As feias não. Como ninguém avança, a resistência é muito forte."

"Essa é a teoria mais imbecil que já vi na vida."

"Talvez não seja uma verdade absoluta, mas é uma probabilidade. Se der certo uma vez, já tem o seu valor."

Altamirando entrou novamente no estúdio, agora abraçado em Kim, e deu a notícia:

"O Marlon não vem. Tá muito mal. Não consegue nem sair da cama."

O Esquilo ficou furioso e deu um discurso:

"Cara, eu peguei dois ônibus lotados, me fudi pra conseguir uma baqueta, deixei minha namorada me esperando, e agora esse imbecil diz que não vem? Porra, pra mim chega, esse merda não sabe cantar nem sabe beber. Não entendo por que a gente não troca de vocalista."

"Ele pagou todos os nossos ensaios deste mês e te comprou quatro pares de baquetas", respondeu Altamirando.

"Grande merda", disse Esquilo, já preparando-se para sair.

E eu completei:

"Ele limpou a tua barra aquela vez que tu vomitou no colo do brigadiano."

"Grande merda", gritou Esquilo. "Eu tô falando de música, de arte, e não dessas merdas aí."

"A gente podia aproveitar e fazer uma música", propus, realmente esperançoso. "Antes de vocês chegarem eu tava tirando um tema legal."

"Não dá", cortou Esquilo. "Não tem mais clima. Tchau." Esquilo saiu e bateu a porta atrás de si. Altamirando também despediu-se:

"Eu vou aproveitar pra fazer um lance pra minha mãe. Por que tu não grava e leva pra mim hoje de noite? Aí eu crio em cima. Falou? Até mais."

E saiu, carregando Kim com ele. Eu continuei tocando sozinho por mais alguns minutos. Logo depois enchi o saco e fui embora também. Nunca mais ensaiamos.

3

Nessa época, a vida era suficientemente simples para ser encarada como um ensaio. É claro que eu invejava o dinheiro de Marlon e as namoradas de Altamirando, mas nem uma coisa nem outra pareciam valer tanto assim. Eu estava procurando um professor de baixo, para aprimorar a minha técnica. Antes eu já tinha feito um semestre de japonês e um curso intensivo de redação comercial. Agora queria persistir no baixo. O livro dizia que todo homem inconstante e volúvel - que muda sempre de idéias, empregos, amizades - é imaturo. Eu estava cansado de ser imaturo. Queria me especializar em algo, ser bom naquilo e alcançar a maturidade. Ou pelo menos chegar perto.

Então falei com o Rildo, e combinamos fazer uma aula de experiência na casa dele. Ele tinha um amplificador de boa qualidade, em que ligamos nossos dois baixos e uma pequena bateria eletrônica. Ele pediu que eu tocasse qualquer coisa, só para conhecer meu estilo e minha técnica. Ele contou:

"Atenção. Um, dois, três."

E acionou a bateria. Eu comecei a tocar meio nervoso, tentando acompanhar o ritmo, mas logo surgiu Graziela, esposa de Rildo, com uma criança pequena no colo. Ela estava muito mal-humorada, e o diálogo entre os dois foi ríspido:

"Tá muito alto, vai acordar a criança."

Rildo desligou a bateria e eu parei de tocar.

"Pelo amor de Deus, Grazi", disse Rildo. "Eu tô tentando dar aula."

"E eu tô tentando cozinhar com uma criança no colo."

"Bota ela na cama."

"Ela sempre acorda quando eu boto ela na cama."

"Então deixa ela acordada."

"Eu tô cansada de fazer tudo nesta casa, enquanto tu fica ai tocando e se divertindo."

"Eu tá dando aula."

"Por que tu não cria vergonha na cara e arranja um emprego decente? Sabe quanto nós estamos devendo pro pai?"

Rildo levantou-se, furioso.

"TU tá devendo. TU! Eu não queria um box novo no banheiro", Rildo apontou para cima, "nem este lustre horrível, nem a forração nova do quarto."

"Mas tu quer esse almoço, não quer?"

Graziela saiu, possessa, rumo à cozinha. Rildo sorriu pra mim, visivelmente envergonhado.

"Desculpa, ela tá nervosa. Mas eu resolvo logo isso, e a gente continua a aula."

Então Graziela voltou da cozinha com uma panela na mão e, enquanto falava, pegava os bifes com um garfo e atirava em Rildo:

"Toma teus bifes, professor."

Eu guardei rapidamente o baixo no estojo, fui para a porta e dei um tchau para Rildo, que continuava se esquivando dos bifes. Rildo acenou de volta e levou um bife na cara. Abri a porta e saí do apartamento. No corredor do edifício, ainda dava pra ouvir os gritos da briga, agora misturados com o choro da criança.

Rildo era o melhor baixista da cidade, o número um.

Assim como o meu pai, que era considerado o melhor fotógrafo retratista da cidade. Ele tinha um estúdio na Osvaldo Aranha e era especialista em fotos familiares, festas, essas coisas. Quando eu era criança, ele chegava em casa, sentava numa poltrona, acendia um cigarro e contava a fêria do dia. Ia separando as notas de pequeno valor, que tirava de uma carteira de couro, e formando pequenos montinhos, que envolvia com atilhos de borracha. Eu achava que nós éramos muito ricos.

Um dia, ele parou de contar e discursou, olhando bem sério pra mim:

"Filho, pode ter certeza de uma coisa: não existe nada mais importante que o trabalho.

O trabalho não traz só dinheiro, traz dignidade, traz satisfação, traz paz. Se me tirarem o trabalho, me tiram a vida. Estuda, meu filho, que um dia também terás uma profissão e poderás afirmar, como eu: sou um homem de bem, honesto, e sustento a minha família com a força do meu trabalho."

5

A minha mãe, uma honesta e trabalhadora dona de casa, nunca tinha aprendido uma profissão. Ela me ajudava a fazer os temas, ao mesmo tempo que fazia tricô, mas tinha dificuldades em algumas matérias, principalmente matemática e OSPB.

Um dia, eu tinha que preencher espaços de três linhas depois das palavras FAMÍLIA, SOCIEDADE E PAÍS, todas assim em letras maiúsculas. Apesar de eu saber muito bem o que era uma família, não conseguia achar as palavras adequadas e perguntei para minha mãe. Ela parou de mexer as agulhas, acariciou o meu cabelo, sorriu e disse:

"E melhor não colocar no teu caderno o que eu acho que seja uma família. O que diz no teu livro?"

"Que é a 'célula-mater' da sociedade."

"Então escreve isso."

"Mas isso eu não sei o que é."

"Não faz mal. Depois a professora explica. E tem certas coisas que é melhor aprender na prática."

6

Infelizmente, a prática foi um desastre. Numa sexta à tarde, minha mãe colocou roupa de domingo e disse que me levaria para uma visita de surpresa ao estúdio de meu pai. E lá fomos nós, de mãos dadas. Eu sempre ficava muito excitado quando ia ao estúdio, mesmo que fosse só para ver respeitáveis famílias de classe média posando para a câmara de meu pai.

Chegamos à ante-sala do estúdio, que ficava a poucas quadras de nossa casa, e Norma, a recepcionista, evidentemente nervosa, sacudiu a cabeça e disse que o Seu Menezes, meu pai, não estava. Só que, por trás dela, viam-se claramente os relâmpagos dos flashes em funcionamento. Minha mãe, sempre me levando pela mão, passou por cima de Norma, que fez de tudo para barrar nossa passagem, e entramos no estúdio. Minha mãe então parou, chocada demais para gritar.

Meu pai, de costas para ela, ajustava alguma coisa na câmara. E junto ao fundo infinito, onde geralmente posavam respeitáveis famílias de classe média, estava uma adolescente magrinha e completamente nua, segurando uma maçã, oferecida num gesto lânguido para a objetiva. Naquele dia, meu pai estava dando vazão ao seu até então desconhecido veio artístico.

Minha mãe finalmente começou a chorar. O pai, branco como giz, gesticulava e falava

sem parar ao lado dela, enquanto a adolescente se vestia ao fundo. Eu tentei prestar atenção ao que o pai estava dizendo, mas não desgrudava os olhos da adolescente.

Minha mãe não aceitou muito bem as explicações de meu pai. E eu era muito pequeno para entender direito o que ele falava. Provavelmente ele disse que precisava de uma válvula de escape para a frustração de fotografar a vida inteira, dia após dia, famílias de classe média. Talvez tenha até falado em catarse, na função social da arte, mas minha mãe continuava não aceitando. Depois daquele episódio, minha mãe e meu pai nunca mais foram os mesmos. Nem eu. De repente, percebi que nem todas as meninas eram chatas e desinteressantes.

7

Minha primeira namorada chamava-se Graça. Era estudante do primeiro semestre de letras na PUC. Enquanto ela lia a Poética, de Aristóteles, eu, que não estudava coisa alguma, lia gibis do Batman. Mas nos dávamos bem. Até que um dia ela disse:

"Sabe qual é o nosso problema? Falta de catarse."

"Catarse?", perguntei, revelando minha ignorância.

"A gente não briga, não joga os pratos um no outro, não bota pra fora o que está dentro."

"Catarse é isso? Pancadaria?"

Graça ficou irritada.

"Não! É uma válvula de escape pra todas as frustrações que a gente acumula. A catarse é uma coisa fundamental para a vida em comunidade. É a ritualização da violência. E a arte cumprindo seu verdadeiro papel social."

"Tudo bem", concordei, ingênuo. "Se tu quiser brigar, eu também brigo."

Mas, de repente, Graça parecia desmotivada.

"Deixa pra lá. Não tem catarse suficientemente violenta pra resolver o nosso caso."

E voltou à Poética, enquanto eu voltava ao Batman. Dois dias depois, ela pegou todos os livros e foi embora. Tínhamos alugado a kitchenette juntos há menos de seis meses. Achávamos que tudo ia dar certo, porque combinávamos no fundamental. Eu ainda achava isso quando ela foi embora. Depois descobri que, durante todo aquele tempo, ela estava transando com o professor de grego.

8

Passei a dividir um apartamento de um quarto com Franco, centroavante reserva do Grêmio, que era um cara super-legal, recém-chegado do interior de Erechim. Na verdade, a gente se falava muito pouco, porque ele ficava quase todo o tempo na concentração e usava o apartamento basicamente para transar. As vezes trazia um

zagueiro reserva, amigo dele, e eu tinha que sair da sala e ir para a cozinha. Como eles estavam na reserva, não tinham medo de perder energia para os jogos.

Um dia, cheguei em casa e ouvi gritos e sussurros vindos do quarto. Liguei a TV (estava passando Aqui Agora) com o volume bem alto. Pouco depois, Franco saiu do quarto, de cuecas e chuteiras, abraçado numa garota baixinha, mas bem interessante. Pensei logo que era uma fã que conhecera durante os treinos (o que ele confirmou depois). Despediram-se com um beijo. Ela sorriu para mim e foi embora. Franco fechou a porta, respirou fundo, sorriu e disse:

"Me fez botar chuteiras! Pelo amor de Deus... Tem gosto pra tudo."

"Como é o nome dela?", perguntei.

"Derli."

"Como?"

"Derli. Nome esquisito, né?"

"É o nome do fazendeiro que matou Chico Mendes."

"Bem que eu achava que era nome de homem", disse Franco, pensativo. "Mas essa aí é bem mulher, garanto."

"Deu pra ver", concordei.

Franco sentou no sofá e começou a desamarrar a chuteira. De repente, parou, olhou para mim com ar pensativo e disse:

"Chico Mendes... Chico Mendes... Esse cara não jogava no Palmeiras?"

9

Alguns dias depois, eu estava assistindo ao Jornal Nacional no volume máximo, porque os gritos vindos do quarto eram especialmente altos. No meio do noticiário de economia, Franco saiu do quarto, abotoando a calça.

"Escuta", disse ele, "eu e a Derli vamos sair pra jantar. A Heloísa também vai. Tu não quer ir junto?"

"Não, obrigado", respondi.

"É que o Bruno deu o fora nela ontem, e ela tá superdeprimida. Dá uma força, vai."

"Eu tenho que acordar cedo amanhã", argumentei. "E nem conheço essa Heloísa." Derli entrou na sala e abraçou Franco.

"Eu pago a conta", insistiu ele. "Recebi os bichos atrasados." Derli fez uma cara de sofrimento e disse:

"Eu tô preocupada com a Heloísa. Ela tava se apaixonando por aquele monstro."

"Só hoje", pediu Franco. "Vai ser legal."

Os dois me olharam com cara comprida, e eu sucumbi:

"Tudo bem. Mas eu tenho mesmo que dormir cedo. Vou jantar com vocês e depois volto direto pra casa."

"Combinado", disse Franco.

Então Derli virou-se na direção da porta do quarto e gritou:

"Ele topou!"

Eu fiquei muito surpreso e murmurei:

"A Heloísa está aqui?"

No instante seguinte, ela abriu a porta do quarto e apareceu, tentando sorrir, mas na verdade com uma aparência deprimida.

"Oi", disse Heloísa. "Não se preocupem comigo. Eu tô bem melhor."

Derli a abraçou e garantiu:

"Vai ficar melhor ainda depois do jantar. Vamos?"

10

A primeira coisa que Heloísa disse durante o jantar foi que não tinha gostado muito de participar da transa de Franco e Derli, que tinha se sentido meio deslocada. Ela bebia e falava em voz muito alta, o suficiente para ser ouvida em todas as mesas vizinhas. Mas ela não parecia ligar para isso. E, quanto mais bebia, mais alto falava.

"Suruba, tudo bem. Mas assim, sei lá, parece que vocês estavam me fazendo um favor, só porque o Bruno arranhou aquela perua. E eu poderia ficar uma noite sem transar;.. Eu sou forte. Mas, enfim, aconteceu... Sabe, no fundo acho que eu sou conservadora."

Todos rimos bastante. Heloísa passou a mão na minha perna. Eu, que também já estava bêbado, gostei bastante. Heloísa disse que conhecia uma danceteria nova e que tínhamos de conhecê-la.

11

A música estava naquele volume que impede qualquer diálogo. Enquanto Franco e Derli beijavam-se na mesa, Heloísa me arrastou para a pista. Eu protestei, disse que não queria dançar, mas Heloísa não podia ouvir coisa alguma.

Foi uma longa noite. Eu lembrava que teria que acordar às seis no dia seguinte, mas ao mesmo tempo gostava de ver Heloísa sacudindo-se na minha frente. Obviamente nós iríamos transar em seguida, o que para mim era um acontecimento. Desde a briga com a Graça, minha vida sexual era tão excitante quanto a Hora do Brasil.

12

Saímos da danceteria e fomos para nosso apartamento, todos bastante trôpegos e bêbados. Franco e Derli logo desapareceram, rumo ao quarto. Eu e Heloísa sentamo-nos no sofá da sala. Olhamo-nos e sorrimos um para o outro. Do quarto, começaram a chegar os primeiros ruídos da transa de Franco e Derli. Eu, encorajado pelo álcool, aproximei-me de Heloísa para beijá-la. Ela parecia estar a fim, mas, no último momento, afastou-se.

"Não", disse ela. "Desta vez eu vou começar direito."

"Começar o quê?", perguntei, meio tonto.

Heloísa agora parecia entusiasmada:

"Eu sinto que nós podemos evoluir juntos."

"Evoluir pra onde?", voltei a perguntar.

Heloísa levantou-se e discursou:

"Chega de agüentar a tirania do organismo. Nós vamos entrar num círculo superior."

"Que círculo?", perguntei.

"Hoje não dá para explicar. Estamos intoxicados pelo álcool. Amanhã, às seis da tarde, começamos."

Heloísa levantou-se e saiu.

Fiquei pasmo. Olhava para a porta por onde Heloísa desaparecera e tentava raciocinar. Franco, só de cuecas, entrou na sala e começou a procurar alguma coisa em baixo das almofadas. Então olhou pra mim e perguntou:

"Tu viu minhas chuteiras?"

13

Dormi no sofá da sala. Quando o despertador tocou, os primeiros e tímidos raios de sol entravam pela janela. Eu estava com muito sono e muita dor de cabeça. Normalmente teria hesitado bastante, mas naquela manhã entrei no quarto sem bater na porta e abri o roupeiro. Franco e Derli dormiam. Ela, totalmente nua; ele, de meias e chuteiras. Peguei minhas roupas e fui para o banheiro. Escovei os dentes de olhos fechados. Peguei a maleta da câmara VHS, um tripé e saí de casa. Caminhei até a parada de ônibus,

encostei-me num poste e fechei os olhos outra vez. Devo ter dormido por alguns minutos. O ônibus finalmente chegou, e eu embarquei.

Trabalhar como autônomo tem vantagens e desvantagens. É bom porque não se tem patrão. É ruim porque não se pode ligar para o patrão e inventar qualquer coisa. Naquele dia, eu pensei seriamente em ligar para o Silva e dizer que estava mal, que não tinha condições de fazer o serviço. Mas não queria perder um bom cliente, que pagava em dia e praticamente sustentava o meu aluguel. E assim, lutando bravamente contra o sono e a ressaca, naquela bela manhã, pelas 6h35min, conheci Caroline.

14

Era uma casa de classe média, no bairro Boa Vista. Toquei a campainha, encostei-me na parede e fechei os olhos. Demoraram para atender, e eu devo ter dormido de pé mais uma vez. Quando acordei, a porta estava aberta e uma garota de camisola olhava para mim, desconfiada. Eu estava com tanto sono que não percebi o quanto ela era maravilhosa.

"Bom dia", disse a garota.

"Bom dia", respondi, envergonhado. "Desculpe. Eu trabalho para o Silva. Vou fazer a cobertura dos preparativos do casamento. E a senhora que vai casar?"

"Eu? Não. E a minha irmã Berenice."

E fez um sinal para que eu entrasse na casa. Eu murmurei: "Com licença". E fui entrando. A garota me indicou uma cadeira e disse:

"Senta aqui. E, olha, não me chama de senhora, tá? Eu tenho 16 anos."

"Desculpe", respondi, ainda mais envergonhado.

"Eu vou chamar a mãe."

Logo depois a mãe da noiva apareceu, de robe azul, sorrindo e tentando parecer simpática. Pouco depois chegou o pai, de pijama, bocejando e não se esforçando nem um pouco para parecer simpático. Caroline, já vestida, acompanhou toda a conversa, com ar curioso. Eu expliquei detalhadamente o que faria, e a mãe me conduziu até a porta do quarto da noiva. Ela entrou e demorou alguns minutos. Eu tive que fazer muita força para não dormir de pé outra vez. Depois a mãe da noiva abriu a porta e me convidou para entrar. O quarto estava em meia penumbra. Eu abri o tripé, coloquei a câmara no lugar, enquadrei e pedi para a mãe abrir a janela. O sol entrou, iluminando o ambiente. A noiva, Berenice, acordou, olhou para a câmara e sorriu.

O Silva tinha inventado um novo tipo de vídeo de casamento, que ele chamava de "cobertura total". Por um adicional bastante considerável nos custos, o dia dos noivos era gravado desde o momento em que acordavam até o final da festa. O Silva sempre pegava o noivo, que acorda muito mais tarde. Eu ficava com a noiva, normalmente cheia de compromissos desde as primeiras horas da manhã. O Silva depois editava em paralelo todo o material, antes das imagens da cerimônia do casamento. A "cobertura

total" fazia sucesso principalmente com os pais dos noivos, que assim preservavam as últimas imagens dos filhos antes da dolorosa separação.

15

Era um trabalho duro, que só terminava quando os noivos saíam do salão de festas. Lá pelas três e meia da manhã, eles, já completamente bêbados, sentaram no fundo do salão. Eu apontei a câmara para lá, torcendo para que eles finalmente decidissem ir embora. Mas uma convidada cochichou alguma coisa no ouvido de Berenice e depois tirou um dos sapatos da noiva. As duas começaram a circular pelo salão, rindo e estendendo o sapato para os demais convidados. O noivo olhou para mim e fez um sinal para que eu me aproximasse. Ele falava enrolando a língua.

"Escuta aqui", disse.

Eu sentei ao lado dele e respondi: "Sim, senhor."

"Eu tenho uma proposta pra deixar esse vídeo mais interessante."

"Sim, senhor."

"Você vai gravar a gente... no hotel. Entendeu?"

"Não, senhor", respondi.

"Não me chama de senhor, caralho! Eu tenho 20 anos."

"Tudo bem."

"Chega mais perto."

Eu quase encostei o ouvido na boca do noivo, sentindo o bafo quente e azedo no meu rosto enquanto ele falava:

"Vocês gravaram tudo, menos o essencial. Já falei com a Berenice. Ela está completamente bêbada. Topou na hora."

Eu entendi o que ele queria.

"O senhor quer que eu grave..."

"O grande momento. A Berenice é virgem. Você acredita? É o fim do século, a mulherada se liberou há milênios, e a minha noiva é cabaço. Completamente cabaço. Você vai gravar, vai registrar tudo. E eu, Napoleão Rosa do Santos, vou entrar para a história!"

Antes de qualquer razão de ordem moral, sempre difícil de explicar, aleguei um impedimento financeiro:

"Mas essa gravação não está incluída no pacote. Eu tenho que falar com o Silva, que

é..."

"Que Silva porra nenhuma!", cortou o noivo. "Olha, a Berenice tá trazendo o sapato. O que tiver lá dentro é teu."

Berenice chegou, com o sapato na mão, mais bêbada do que antes. O noivo tirou o sapato dela e entregou pra mim. Meio constrangido, comecei a contar. Tinha um monte de dinheiro lá dentro. Acho que ela calçava 39 ou 40.

16

Foi uma experiência estranha. O quarto do hotel estava decorado com rosas brancas. O mais difícil era acertar a luz, porque eles se mexiam muito. Mas até que eu gostei. Aquilo era mais interessante que o despertar da noiva.

17

Infelizmente, o pai da noiva ficou sabendo e não gostou. Quando eu já estava recolhendo minhas coisas para ir embora, dois sujeitos mal-encarados entraram no quarto e, apesar dos gritos e do choro de Berenice, levaram a mim e ao noivo para a delegacia, onde o pai da noiva nos esperava, furioso. Antes de me jogarem na cela, tiraram todo o meu dinheiro, quebraram minha câmara e me deram umas porradas. O delegado disse que eu tinha sorte, podia ter acabado no presídio.

Napoleão, o noivo, com um olho roxo, arrastou-se até ficar do meu lado e perguntou:

"Você guardou a fita?"

"O pai da sua esposa botou fogo nela."

"Que pena... Puxa, desculpe pela roubada."

"Tudo bem. Acontece."

Ele me deu uns tapinhas nas costas e voltou pro seu canto da cela. Eu tinha chegado no fundo do poço. A vida parecia ser uma coisa terrível. Mas o delegado era gente fina e perguntou se eu precisava de alguma coisa de casa. Só lembrei de um livro, que talvez me ajudasse a passar o tempo, e o delegado disse que mandaria trazer pra mim. Fiquei preso por quatro dias e consegui terminar o Homem Total e Parapsicologia. Animado pelo livro, decidi encerrar aquela fase da minha vida, dedicada à procura de máxima segurança e verdades filosóficas absolutas, passando para um novo período existencial, de exploração das inúmeras probabilidades à minha frente. Isso foi muito bom para mim.

18

Abri meu próprio negócio e fui crescendo aos poucos. Não foi fácil, mas minha experiência em vídeos de casamento revelou-se fundamental. Comecei com produções de orçamento muito baixo, como Três Virgens e uma Cenoura. Hoje posso gastar mais, como em minha atual produção, Orgasmos Psicotrópicos da Oitava Efervescência.

Adotei um pseudônimo, o que todos fazem nesse ramo, mas não esqueci nenhum dos meus velhos conhecidos.

Rildo, meu professor de baixo, juntou-se com Esquilo e Altamirando, formando a banda de punk-progressivo Mendigos Ultratech. O nome foi idéia minha. Eu sempre vou nos shows. Um dia eles vão fazer muito sucesso.

Graziela, a esposa de Rildo, quando soube da banda, disse que pediria o divórcio, mas então conheceu Kim, a namorada de Altamirando. As duas apaixonaram-se e hoje são inseparáveis.

Meu pai morreu. Minha mãe às vezes visita o túmulo, mas desconfio que ela nunca superou o trauma daquele dia no estúdio.

Franco cansou de ser reserva e abandonou o futebol. Ele estava mal, mas então eu o convidei para trabalhar comigo. Ele relutou um pouco, mas acabou trazendo sua namorada Derli e minha quase namorada Heloísa. Foi ótimo. Eles atuaram em O Tesão das Zagueiras Taradas na hora do Pênalti o primeiro grande sucesso da minha produtora. Vendi 12 mil cópias só no Japão.

Graça, minha ex-namorada estudante de letras, hoje é professora numa universidade pública. Coitada. Talvez ofereça pra ela um emprego de roteirista.

Berenice e Napoleão moram com os pais dela. Napoleão é comprador de sapatos num grande magazine. Berenice não faz porra nenhuma. Eu casei com a maravilhosa Caroline, a filha mais moça. No começo, os meus sogros não aprovaram minha profissão, mas depois Caroline contou pra eles o saldo da minha conta bancária. Graças ao sucesso de Adolescentes de Chuteiras de Travas Altas, eu tinha ganho meu primeiro milhão de dólares. Hoje sou um cara feliz. Não posso dizer que esteja realizado, mas acredito que a vida seja boa, contanto que não se fique atrás de verdades filosóficas absolutas. Eu e Caroline estamos pensando em ter um filho, quem sabe até um casal. Falei com meu sogro em criar um novo departamento na produtora, para fazer filmes sérios, mas ele me desaconselhou. Disse que não se mexe em time que está ganhando. Pensando bem, ele tem toda razão.

A IMPORTÂNCIA DO CURRÍCULO NA CARREIRA ARTÍSTICA

1

Me formei em arte dramática, normal, quatro anos e meio, um pouco de vagabundagem nesse meio, comi a Maralúcia antes do sétimo semestre, vencendo a aposta com o Durval. E, formado, descobri que estava desempregado. Estranho, isso. Estuda-se e vagabundeia-se tanto tempo pra descobrir que os problemas estão apenas começando. Tinham me garantido que ator homem era artigo de primeira necessidade, mas acho que os colegas veados já tão enganando bem pra caralho, ou então o público já aceita as bichices numa boa, virou tradição, que nem lá no teatro da China, que homem faz papel de mulher e todo mundo acha ótimo. O Durval sugeriu que eu fizesse um currículo e mandasse para as principais produtoras de cinema, televisão e vídeo da cidade. Em anexo, uma fita VHS com trechos das peças que encenamos na faculdade. O normal: Beckett, QorpoSanto, Woody Allen, enfim, uma barafunda total, de modo que ninguém sabe se sou ou não um bom ator. Nem eu sei. Como os outros vão saber? Por isso preciso de uma chance. Por isso fiz o currículo. Por isso o enviei e agora tento descobrir o que eles acharam. Alguém quer me contratar?

2

Duas respostas curtas e sinceras: "Não". Não gostei das respostas, mas gostei da sinceridade. Seis respostas enrolativas, tipo "não tivemos tempo ainda de analisar...". Normal. Tudo bem. "Sem estresse", como diria um amigo meu. Mas uma resposta me deu esperanças, pronunciada por uma secretária peituda e bunduda: "Precisamos de duas fotos 18 por 24, uma só do rosto, outra de corpo inteiro". Gastei R\$ 29,59 para fazer as fotos, com um ex-colega fotógrafo, que trabalha no laboratório do Correio do Povo. Ele fez as cópias na camufla, de madrugada. Não ficaram muito boas, mas não posso reclamar. Levei as fotos pra secretária bunduda e peituda, e ela disse que era melhor se fossem coloridas. Mas guardou as fotos numa gaveta, junto com o currículo, e disse que entraria em contato. Então era só isso? Entraria em contato? Quando? Que merda, pensei, gastei meu dinheiro à toa. E saí da tal produtora pensando na proposta do meu tio índio, que queria montar um desses carros que vendem cachorro-quente no porta-malas. Diz que tá dando a maior grana.

3

Mas, dois meses depois, eu continuava sem fazer nada. Desempregado total. Minha mãe ameaçando. Meu pai lembrando que, quando eu decidi fazer arte dramática, ele avisou que até agüentaria filho veado, mas não filho vagabundo. A maior barra. O tio já tinha comprado um Fiat 147 pra transformar em banca de cachorro-quente. E eu me imaginava de avental branco, sentado numa dessas cadeiras de praia, esperando os fregueses, ouvindo futebol no radinho. Então uma mulher ligou. Disse que estava fazendo o casting para o elenco de apoio de um especial da Globo. Haveria um teste de vídeo, num estúdio. Deu a data, o horário e o endereço. Eu pensei em pedir o roteiro,

mas logo desisti. Elenco de apoio geralmente tem só uma fala, quase sempre "Cuidado" ou "Socorro".

4

Fui pro teste cheio de esperanças. Globo é Globo. Cheguei no tal estúdio e me deram logo um número: 98. E então percebi que eu tinha pelo menos 97 concorrentes. Normal. O verdadeiro talento sempre se destaca. Mas quem disse que eu tinha talento? Fiquei extremamente deprimido e sentei num banco de madeira, ao lado da garota 96, muito bem vestida, com um colar de pérolas falsas. Puxei conversa. Ela disse que estavam selecionando um homem e uma mulher. Minhas chances aumentaram 50 por cento. Quem sabe mais, porque havia um número bem superior de mulheres do que homens nas cercanias. E tem mais: o que tinha de veado... Quem sabe homem mesmo era só eu e dois anões fanhos? Mas não era. Quando fui chamado, depois de três horas e meia esperando, ligaram a câmara e pediram que eu falasse meu nome. Eu falei. Pediram que virasse de lado. Eu virei. Pediram que eu dissesse a frase:

"Cuidado, você está numa situação muito delicada". Eu disse. Quatro anos de Arte Dramática e esta era a minha grande chance! Foi horrível. Terminei de falar e já sabia que tinha sido um fracasso. Desligaram a câmara. Agradeceram. Gritaram "O próximo". Eu saí do estúdio me sentindo péssimo e encontrei a garota 96. Ela chorava copiosamente. Eu fui consolar. Disse que esses testes não eram sérios, que atores de verdade jamais podem demonstrar seu talento dizendo "Cuidado, você está numa situação muito delicada". Ela limpou os olhos num lenço de papel e perguntou se eu era um ator de verdade. Eu disse que era, mas que no dia seguinte começava a vender cachorro-quente no porta-malas de um Fiat 147. Ela sorriu. Depois riu. Eu ri também. E assim eu conheci Desdêmona, minha atual esposa. E a Globo que se foda.

5

Primeiro montamos Seis Personagens à Procura de um Ator. Não do modo tradicional, é claro. Nós dois interpretávamos os seis personagens, três para cada um. A crítica não viu sentido algum nesse acúmulo. O público não entendia direito o enredo. Mas nós ríamos adoidados. Depois fizemos um pouco de Beckett e QorpoSanto, ou seja, aproveitei os textos que eu já conhecia da faculdade. Estamos agora negociando os direitos de uma peça de Woody Allen. Custa caro e se paga em dólar, adiantado. Mas isso não é problema para Desdêmona. Ela é podre de rica. Lembram daquele colar de pérolas falsas? Não eram falsas. Eram de verdade. Desdêmona adora cinema e sonha em fazer um longa-metragem. Foi se informar quanto custa. Mais de um milhão. Ela ficou assustada. E rica, mas não é louca.

Então resolvemos fazer um curta. Escrevemos uma história legal e chamamos um cara talentoso pra transformar em roteiro. Dois personagens principais, eu e ela, é claro. "Mas quem vai ser o elenco de apoio?", perguntou Desdêmona. "É simples", respondi. "Vamos pedir que os interessados deixem seus currículos. Nós analisamos e depois chamamos os melhores para um teste de vídeo." Ela topou. Agora, enquanto Desdêmona dorme em nossa imensa cama forrada com lençóis de cetim, analiso os currículos entregues para nossa secretária peituda e bunduda. Talvez peça duas fotos 18 por 24 para essa ruivinha que diz ter participado de um pornô experimental. O currículo dela é muito bom. E deixo aqui meu conselho para as futuras gerações de atores:

caprichem no currículo, porque ele é a porta de entrada para o sucesso artístico e para a realização profissional.

GLENDIA

Já tive uma namorada que gostava de trepar bebendo vinho Sangue de Boi, outra que só atingia o orgasmo em determinadas horas, uma terceira que precisava vestir peças íntimas de cor e formato específicos, de modo que não estranhei quando, na primeira vez que fiquei sozinho com Glenda, ela disse que colocaria uma música adequada para o momento. Mulheres têm essa capacidade de cercar o ato sexual com requintes e detalhes que jamais passariam pela cabeça dos homens, interessados apenas naquilo que um maldoso amigo homossexual definiu certa vez como "afundar a chuleta no azeite".

Estávamos no apartamento de Glenda, pequeno mas confortável, com algumas almofadas de motivos indianos no chão, uma das paredes dominada por um belo aparelho de som, que inundava a sala com um jazz em volume adequado e qualidade sonora impecável. Glenda perguntou se eu gostava, ao mesmo tempo em que tirava a blusa puxando-a por cima dos ombros. Eu disse que sim, que gostava, incluindo em minha resposta positiva, um pouco entusiasmada demais, a melodia em questão e os fantásticos selos de Glenda, visíveis pelo tecido fino e transparente do sutiã.

O que se seguiu foi bastante agradável (com toda certeza para mim, e creio também para ela). Depois ficamos deitados sobre as almofadas, ouvindo o disco até o fim. Os lamentos agudos do trompete (ou algo semelhante, mas com certeza feito de metal várias vezes retorcido), as batidas sincopadas da percussão, o baixo imprevisível, abandonando sem receio sua habitual função moderadora, não me incomodavam, mas também não me despertavam simpatia, de modo que senti certo alívio quando o CD chegou ao fim e Glenda levantou, nua, harmoniosa, bela como um concerto de Vivaldi, lânguida como uma balada dos Rolling Stones (nada como os clássicos, que erguem seus edifícios musicais segundo os cânones estabelecidos na Grécia antiga) e trocou o disco.

Ela apertou o botão com graça infinita, dessa vez levando às caixas de som alguns acordes fortes e inesperados, certamente gerados por orquestra sinfônica de grosso calibre, que pareciam ser obra de Stravinski, mas depois radicalizaram-se cada vez mais, talvez Schoenberg ou algum de seus discípulos. Definitivamente, Glenda tinha um gosto musical sofisticado, moderno, muito longe do meu pop-rock-pequeno-burguês. Ela deitou ao meu lado e disse que era uma peça de Orff, de quem eu logo disse conhecer a Carmína Burana, mas ela explicou que esta era outra Carmina, a Catuli Carmina, peça altamente erótica. Ela disse altamente erótica e iniciou uma série de beijos no meu peito, de quatro sobre mim, os dois seios pendendo livres, a bunda empinada, Glenda era definitivamente sensual, além de musicalmente bastante esquisita.

Em circunstâncias normais, eu deveria estar pronto para novo embate físico em menos de cinco minutos, mas não foi o que aconteceu. A maldita música martelava meus ouvidos (não uso aqui figura de linguagem: vão ouvir a porra!) e afastava qualquer possível excitação. Ela logo percebeu e parou de me beijar. Vi que estava triste. Glenda

então contou que seu grande sonho era trepar ouvindo aquela música. Que sonho bem besta! Mas o que fazer?

Tive então a sensacional idéia: abri minha mochila e tirei meu CD portátil. Em menos de dois minutos, Glenda estava feliz, com Orff martelando seus ouvidos, enquanto eu curtia o erótico barulho do engarrafamento que chegava através da janela. Fiquei por algum tempo ali parado, vendo Glenda nua, deitada, com o fone sobre a cabeça, e pensei que a vida apresenta desafios de todos os tipos para nós, simples mortais à procura de sexo, drogas e música que combine com os dois itens anteriores.

Depois me deitei ao lado de Glenda e deixei que ela concretizasse plenamente seu sonho. É claro que nossos movimentos estavam limitados pelo comprimento do fio que saía dos fones de ouvido até o aparelho de CD, o que gerou manobras pouco usuais e aumentou a distância entre as intenções e os gestos. Mas, no dia seguinte, comprei um fone sem fio, coisa que sempre considerei uma bobagem, e dei de presente para Glenda. Ela sorriu e começou a tirar a roupa. E então pensei: eis aí a tecnologia de ponta contribuindo verdadeiramente para o bem da humanidade.

O MAU CAMINHO E O CAMINHO DO BEM

Estamos em Porto Alegre. Osvaldo caminha pela Osvaldo Aranha à noite. Muita gente nos bares. Ainda mais gente sentada no meio-fio. Uma menina, num canto escuro, faz sinal para Osvaldo. Ele caminha até ela.

"Aí, Osvaldo", diz a menina.

"Aí", diz Osvaldo.

A menina abre a mão e mostra uns comprimidos.

"Tá a fim dum Trix? Vinte pila."

"Não."

"Eu também tenho morfina. Quinze pila."

"Não, obrigado."

"Tu nunca gostou muito de química, né?", pergunta a menina.

"Não."

"Eu também não gosto mais. Se tu quiser, a gente vai lá em casa fumar um."

"Não, obrigado. Larguei essas merdas todas."

"Olha, Osvaldo, eu tenho uma coisa especial pra ti. Não é pra todo mundo que eu ofereço. Mas tu é um cara legal, que nunca fez sujeira comigo."

A menina pega uma foto no bolso e mostra para Osvaldo. Sussurra, como se fosse um segredo:

"É minha irmã. Doze anos."

A menina revira os bolsos até achar um papel com um exame de laboratório e mostra-o para Osvaldo.

"Ela fez exame semana passada. Tá limpa. E é praticamente cabaço. Dez pila."

"Não."

"Nós duas por 15."

"Não, obrigado."

"Osvaldo, pensa bem, eu tô te oferecendo duas lindas garotas por 15 paus. E é cem por cento seguro. Tu não tem 15 pila?"

"Não."

"Quanto tu tem?"

"Cinco."

"Cinco... Olha, Osvaldo, eu tô precisando pagar uma dívida agora, senão eu posso me quebrar. Por cinco pila, tu pode ter a melhor trepada da tua vida, agora mesmo."

"Não, obrigado. Eu preciso do dinheiro pra comprar um xis."

A menina, irritada, pega a mão de Osvaldo e a coloca sobre os seus seios.

"Três pila. Ainda sobra dois pra tu comer."

Osvaldo acaricia brevemente os seios da menina. Depois tira a mão. Pega uma nota de cinco no bolso.

"Eu não quero comprar nada. Mas se tu tá precisando, eu te empresto. Toma."

E estende a nota. A menina fica completamente possessa e grita:

"Eu não quero dinheiro emprestado. Não quero mais nada emprestado. Cai fora, veado. Pau no cu."

"Te acalma."

"Tu é um merda!"

"Tá bom, eu aceito."

"Aceita o quê?"

"Vocês duas por 15."

"Sério?"

"Sério."

"Então vamos."

* * *

Osvaldo e a garota caminham pela avenida Farrapos.

"Ela deve estar por aqui", diz a garota. "Daqui a pouco a gente acha."

A garota pára na frente de um travesti com meias arrastão e bigode.

"Tu viu minha irmã?"

O travesti aponta uma porta pequena num prédio velho.

"Tá com um sujeito gordo com a camiseta do Inter, ali no Telhadinho."

A garota sorri para Osvaldo.

"Vamos lá."

"Não. Não gosto de entrar nessas merdas." A garota pega a mão de Osvaldo e o puxa.

"Agora tu vai, Osvaldo! Tu aceitou, caralho!" Osvaldo resiste.

"Não."

O sujeito gordo com a camiseta do Inter sai do Telhadinho.

"O cara saiu", diz a garota. "Vamos lá."

Osvaldo segue a garota até a porta do prédio. Ela fala com o porteiro. Os dois sobem a escada de madeira e entram no quarto 4.

* * *

Quando Osvaldo e a menina entram, a irmã de 12 anos, vestindo apenas uma calcinha, está enfiando a agulha da seringa no braço. As duas se beijam.

"Ele vai nos comer por 15 pila", diz a mais velha. "O Osvaldo é gente fina. Tu não acha ele bonito?"

A mais velha tira toda a roupa. Osvaldo fica olhando as duas, deitadas na cama. A mais moça termina de se aplicar, tira a calcinha e sorri para ele.

"Que é, Osvaldo, perdeu o tesão?", pergunta a mais velha.

"Não", diz Osvaldo. "Pra ter tesão, eu preciso antes fazer uma coisa."

Osvaldo pega um canivete no bolso. Abre a lâmina. As duas olham para ele, assustadas.

"O que é isso, Osvaldo?", diz a mais velha. "Tu não é disso..."

Osvaldo avança, com o canivete na mão direita. A mais velha tenta proteger a mais moça, mas é inútil. Osvaldo é forte, treina jiu-jítsu duas horas por dia e abandonou as drogas há um bom tempo. Logo as duas estão mortas, com as gargantas furadas. Osvaldo limpa a lâmina do canivete na colcha, cospe nos cadáveres e abandona o hotel.

Logo está de volta à Osvaldo Aranha.

Estamos no futuro, mas Porto Alegre não mudou muito.

* * *

Quando Osvaldo e a menina entram, a irmã de 14 anos, vestindo apenas uma calcinha, está enfiando a agulha da seringa no braço. As duas se beijam.

"Ele vai nos comer por 15 pila", diz a mais velha. "O Osvaldo é gente fina. Tu não acha ele bonito?"

A mais velha tira toda a roupa. Osvaldo fica olhando as duas, deitadas na cama. A mais moça termina de se aplicar, tira a calcinha e sorri para ele.

"Que é, Osvaldo, perdeu o tesão?", pergunta a mais velha.

"Não", diz Osvaldo. "Pra ter tesão, eu preciso antes fazer uma coisa."

A mais velha sorri.

"Eu sabia que tu não tinha virado careta total. Vai te custar 20. Mais 15 se comer nós duas. São 35. Mas tu tem que pagar de qualquer jeito, adiantado, porque tem carinha que não consegue trepar depois de tomar nos cano."

Osvaldo pega uma nota de 50 na carteira e a mostra para as irmãs.

"Cinquentinha. É de vocês, inteirinha, mas eu também quero comer o cu das duas."

As duas irmãs se olham e sorriem. A mais velha diz:

"Fechado."

A mais moça prepara rapidamente uma dose. Elas têm certa dificuldade em achar a veia no braço de Osvaldo, mas finalmente conseguem injetar a droga. Ele relaxa por um minuto ou dois, mas logo está ligado outra vez. Os três trepam por mais de uma hora sem parar. Osvaldo come os dois cus. Elas gostam. Depois abandonam o hotel, abraçados. Sobem e descem a Garibaldi, ainda abraçados Logo estão de volta à Osvaldo. Na frente da Lancheria do Parque. Osvaldo beija a mais moça, depois a mais velha, e diz:

"Acho que estou apaixonado."

"O amor é lindo", diz a mais velha.

"Se quiser mais, é só pedir", diz a mais moça.

Osvaldo sorri e se afasta. A mais moça entra na Lancheria e paga sua dívida para um sujeito magro com a camiseta do Grêmio. Estamos no passado, mas Porto Alegre não mudou muito.

ANTUNES E FRANK

Fui dormir pensando no Antunes, mas sonhei com o Frank. Quando eu era pequena, me disseram que era possível programar os sonhos da gente, pensando bastante numa coisa antes de dormir. Eu fechava os olhos e ficava horas me concentrando no Ayrton Senna, mas o máximo que conseguia era sonhar com o Emerson Fittipaldi, logo aquele velho. Eu gostava de pilotos e de corridas de carro. Agora não gosto mais. Esse Schumacher é muito feio. Mais feio que o Frank.

Ontem o Antunes disse que está com tudo planejado. O irmão dele vai pra praia com a mulher no fim de semana e deixa a chave do apartamento. A gente vai ter todo o tempo do mundo e uma cama bem grande. E uma toalha grossa, meio velha, que a mãe do Antunes ia jogar fora, mas ele guardou. É normal que sangue bastante, disse o Antunes. Vai ser bom perder a virgindade com ele, que é consciente e carinhoso. E gosta de mim. Gosta de mim mesmo. De verdade. Com certeza. O Antunes não mentiria pra mim. Ou até mentiria, mas eu descobriria na hora. Eu amo o Antunes. Amo de paixão. Amo, amo, amo. E ele é um tesão, principalmente agora que vai na academia e ficou com os braços musculosos.

Já o Frank é uma peste. Odeio o Frank. Sempre odiei. Conheci ele quando tava começando a namorar o Antunes, que é colega dele no colégio. Eu disse que estava apaixonada pelo Antunes, e ele disse que não se importava, que só estava interessado no meu corpo. E tentou me beijar. Direto. Ali na pracinha. Que grosso! O Frank é um débil mental. E totalmente galinha. As gurias acham ele bonito. Eu não acho. Ele é vulgar, pretensioso. Magro demais. E meio burro. Detesto burrice. Mas ele é um grude. No outro dia, pediu desculpas, disse que não fazia de novo. E pegou minha mão, foi falando bobagem. Quando vi, pimba!, tava lá, me beijando. Que merda, ele beija tri bem. As gurias já tinham me falado. Eu resolvi deixar só um pouquinho. O Frank é uma besta, guri bem idiota, mas como beija bem.

O Antunes comprou um desses livros sobre como fazer sexo. Ele sempre diz "fazer sexo", nunca diz trepar, transar, essas coisas bagaceiras. Eu amo o Antunes porque ele é educado e sempre fala a verdade. Disse que perdeu a virgindade com 17 anos. Foi com um primo mais velho no Gruta Azul. Ele desconfia que o pai armou tudo secretamente. O primo mais velho trabalha com o pai na loja de tecidos da família. O Antunes detestou a experiência. Deve ser mesmo horrível. Mas homem tem que adquirir alguma vivência. Um pouquinho só. Porque depois é uma questão de cultura. Eu tenho certeza que o Antunes vai saber me tratar superbem. Eu amo o Antunes. E ele beija bem. Muito bem. Superbem.

O Frank já transou com meia Porto Alegre. Só eu conheço duas que ele já ficou. Mas ficou, não transou. Porque elas não quiseram, ou pelo menos disseram que não quiseram. A Verônica disse que o Frank anda sempre com uma camisinha no bolso. Guri bobo. Fica se mostrando. Aposto que a única coisa que ele sabe fazer direito é beijar. A língua é quente. Ele pega a cintura e vai apertando. Depois vai subindo

devagarinho. Ele tem umas mãos grandes, mas são bem macias. O Frank é um demônio. Que inferno, eu não devia mais me encontrar com ele na pracinha. Já conversei com o Antunes sobre métodos anticoncepcionais. Ele também conhece bastante o assunto. E disse que eu não me preocupe, porque ele sabe usar camisinha. Inclusive já fez alguns testes. Sozinho, é claro. O Antunes disse que vai dar tudo certo. E vai ser ótimo, porque o apartamento do irmão dele é superlegal. Muito melhor que ir pro motel. Motel é super-perigoso. Tem muito assalto em motel. E se alguém me vê entrando num motel? O apartamento do irmão do Antunes é seguro. A gente vai poder conversar, comer alguma coisa. Vai poder deitar na cama, se beijar, se amar com todo o tempo do mundo. Sem pressa. O Antunes sabe que esse é um momento difícil para uma menina. O Antunes me compreende. Eu adoro o Antunes. Ele é lindo. E agora também tá ficando com o peito musculoso. Eu disse pra ele não exagerar, senão fica parecido com o Stallone, aquele besta.

O Frank é magro demais. Muito ossudo. Tem os dentes bonitos, tá certo, e o hálito sempre fresco, mas a boca não é tudo num homem. O Antunes também tem a dentadura perfeita. O Frank tem uma cara-de-pau impressionante. Vai logo passando a mão, mesmo depois de um tempo sem a gente se ver. E ele sabe que eu não dou confiança pra ele. O Frank disse que tava a fim de me comer, assim, sem mais nem menos, na pracinha em frente à casa dele. Como se eu fosse um sanduíche, e ele estivesse com fome. Idiota. Quem ele pensa que é? Só porque gosto de beijar ele de vez em quando? Se bem que é mesmo uma fraqueza minha. Ficar beijando o Frank escondida é coisa de adolescente. E se o Antunes um dia nos pega na tampinha? Chega! Nunca mais vou beijar o Frank. Guri de merda! Imbecil!

O Antunes já é quase homem. Tem cara de homem. Tem corpo de homem. E ele diz que está loucamente apaixonado por mim. Que parece bobagem, mas ele sente que eu sou a mulher da vida dele. Claro que isso é uma puta bobagem. A gente é só namorado, e faz menos de um ano, 11 meses e meio. Ninguém sabe o que pode acontecer daqui pra frente. Mas é ótimo sentir que o Antunes não quer simplesmente transar comigo. Ele gosta de mim. Ontem me deu uma rosa. Tem que estar mesmo apaixonado pra fazer uma coisa dessas. Eu adorei. Fiquei com aquela rosa o dia inteiro, passeando com ela, pensando no Antunes.

Até que passei pela praça e vi o Frank. Estava sozinho, me abanou, e eu, idiota, fui falar com ele. Ele viu a rosa e perguntou o que era aquilo. Conteí. Conteí tudo. Disse que estava apaixonada pelo Antunes, que o Antunes estava apaixonado por mim, e que nossos beijos tinham terminado, porque eram uma coisa idiota, inconseqüente, infantil. O Frank riu e me fez sentar ao lado dele. Eu, burra, burríssima, sentei, e ele foi logo passando a mão e puxando minha cabeça e me beijando, que merda!, como o Frank beija bem. Então o desgraçado pegou a rosa do Antunes e começou a me arranhar com espinho. Bem coisa do Frank. Brincadeira boba, tava doendo, eu me queixei, mas ele continuou. E beijava, e arranhava, o Frank sabe beijar, e eu comecei a gostar até dos arranhões que ele me fazia, foi um desvario, uma loucura, aquela língua quente e aquele espinho roçando minha pele. Até que ele raspou forte demais, saiu um pouco de sangue, eu gritei e saí correndo, assustada. E o Frank ficou me olhando e rindo, palhaço, que raiva que me deu!

Agora tenho certeza: vou passar o fim de semana com o Antunes. Claro que não posso dormir com ele. Saio do apartamento do irmão dele pelas 11 da noite de sábado (a mãe

até vai gostar, porque não vou em festa, nem vou chegar tarde) e volto domingo de manhã, bem cedinho (digo pra mãe que tem torneio de vôlei no colégio). E aí vai dar tempo de fazer tudo direito. E dormir não é o mais importante. Longe disso. Mas claro que depois vou gostar de dormir com o Antunes. Aposto que ele não ronca e nem puxa o cobertor. Eu imagino que vamos dormir muito juntos. Quem sabe até ter filhos, pra eles virem pra nossa cama ao amanhecer e nos acordar pulando no colchão. Isso, é claro, se um dia a gente se casar. Não é certo, mas é possível.

Já o Frank... Com esse não caso nem amarrada. O Frank não tem qualquer qualidade além de beijar bem. Ele é ruim em todo o resto. Ainda bem que me apaixonei pelo Antunes, e não por ele. E então... Tá decidido. Vou dar pro Frank agora. Vou correndo atrás dele, lá na pracinha, e nós vamos trepar onde der: motel, banco de trás, faço qualquer negócio. Frank! Frank! Frank! Me come agora, que não agüento mais! Frank! Frank! Fraaaaaannkl

LUZIA

Conheci Luzia quando ela tinha 11 anos. Fui visitar Euclides, um amigo de infância que morava em Brasília há muito tempo, e ela nos acompanhou a um restaurante para um almoço rápido, espremido entre meus compromissos profissionais e os de Euclides. Era para ser uma conversa nostálgica, lembrando o campeonato de futebol que vencemos em nossa rua depois de comprar o juiz, vindo de outro bairro, mas devidamente "engavetado" pelo pai de Euclides. Luzia, contudo, transformou o almoço num inferno. Mal-educada, inconveniente, grosseira, parecia não ter entrado ainda na adolescência por absoluta falta de vontade.

Quando ela saiu da mesa para ir ao banheiro, Euclides pediu desculpas e justificou tudo pela morte da mãe, dois anos atrás, e pelo fato de ele estar namorando de novo, o que deixava Luzia incontrolável. Quando ela voltou, mais antipática do que nunca, dizendo que o banheiro tinha cheiro de merda velha, tentei falar com ela sobre minha filha de nove anos, "quem sabe vocês não gostariam de se ver?". Luzia olhou para mim com profundo desprezo e disse "prefiro ficar sozinha a conversar com uma bostinha de nove anos". Pedimos a conta e fomos embora. Esqueci Luzia com a facilidade de quem esquece ter pisado em um cocô de cachorro.

Seis anos se passaram, sem qualquer notícia de Euclides e de sua filha insuportável, até que fui tomar um avião em São Paulo com destino a Amsterdã, onde participaria de um congresso sobre novas oportunidades de exportação para o Mercado Comum Europeu. Estava na fila do check-in quando Euclides chegou correndo, com um pacote pequeno na mão. Disse "graças a Deus, ainda consegui te pegar. O Rubens, lembra do Rubens?, me falou da tua viagem para a Holanda, e eu tenho que te pedir um favor: leva isso aqui pra Luzia, lembra da Luzia?, ela está em Amsterdã, é urgente. O endereço está escrito bem aqui". E me mostrou o pacote, que tinha um cartãozinho com um endereço colado com durex. Eu não podia recusar aquele favor para meu amigo Euclides. Afinal, a única medalha esportiva que ganhei na vida foi roubada pelo pai dele. Peguei o pacote, botei no bolso e disse que levava. O Euclides me abraçou, agradeceu e foi embora.

Depois de três dias em Amsterdã, participando do congresso mais tedioso da minha vida, finalmente tive uma manhã livre. Eu poderia ir ao museu Van Gogh, ou à casa onde nasceu Rembrandt, ou simplesmente passear no sol, que estava maravilhoso e parecia capaz de espantar o frio daquele fevereiro cheio de neve, mas lembrei da encomenda para a filha de Euclides. Peguei o pacotinho, conferi o endereço com o gerente do hotel e vi que ficava perto, dez ou 11 quadras, que poderia percorrer a pé. No caminho, lembrei daquele jantar em Brasília, das barbaridades que Luzia dissera e fizera, da impressão de que ela se tornaria uma mulher fria, azeda, cada vez mais insuportável.

Toquei a campainha da porta verde, num prédio antigo de três andares, mal conservado, mas charmoso, e uma velha atendeu. Mostrei o cartãozinho e disse, com meu inglês macarrônico, "Luzia is here?". A velha apontou para a escada e disse "number four,

room number four". Subi a escada. Era no último andar. Bati na porta, e uma garota linda, de cabelos vermelhos, mais alta do que eu, vestindo um robe de seda com motivos japoneses, apareceu na minha frente. Eu disse, "Luzia?". Ela sorriu e respondeu "sou eu, entra". E disse que lembrava de mim, daquele jantar em Brasília, mas não lembrava meu nome. Eu disse que me chamava Moacyr Queiroz, enquanto ela abria o pacotinho. Seus olhos brilharam quando segurou uns 30 ou 40 envelopinhos amarelos com rótulos vermelhos. Mostrou um deles para mim e disse "você não sabe como isso é precioso aqui em Amsterdã".

Li o rótulo do pacotinho: "Colomy". Perguntei para que servia, ela riu e disse "já mostro. Vem aqui". Segui Luzia até o quarto da frente, onde o sol entrava radioso pela janela. Mais da metade do aposento, que recendia a incenso de boa qualidade, estava ocupado por grandes vasos, em que vicejavam plantas bonitas, de folhas largas, mas sem qualquer flor. O mais interessante é que todas as paredes do quarto estavam pintadas com desenhos daquelas mesmas folhas, o que tornava o ambiente ao mesmo tempo exótico e acolhedor. Luzia deitou sobre um tatame, abriu um dos envelopinhos amarelos e destacou um papel pequeno e fino, aparentemente de seda. Depois, abriu uma lata e jogou sobre o tatame um montinho de terra, ou algo parecido. Só então, ao sentir o cheiro característico, percebi que ela estava fazendo um cigarro de maconha.

A partir daquele momento, fiquei nervoso. Não só tinha contrabandeado para a Holanda um produto brasileiro suspeito, que certamente me traria terríveis complicações se eu tivesse sido revistado na alfândega, como agora estava no apartamento de uma garota menor de idade prestes a drogar-se. Pior ainda: a garota estava seminua. O robe não escondia o corpo de Luzia, suas pernas longas e elegantes, o maravilhoso contorno de seus seios fartos, a curva aguda de seu ombro direito. Comecei a suar abundantemente, já que o sol, mais a calefação, mais o casaco grosso, mais o nervosismo, elevaram muito a minha temperatura.

Luzia, que, depois de esmagar aquela terrinha por algum tempo, agora a espalhava pelo papel fininho, perguntou se eu não queria tirar o casaco. Eu disse, acho que quase gritei, "não, estou bem assim". Se começasse a tirar a roupa, quando iria parar? Luzia acendeu o cigarro. Tragou. O cheiro da droga misturou-se ao do incenso. Então Luzia disse "você não se importa se eu fumar do jeito que eu gosto? O sol é muito precioso nesta época". Eu disse que não, que não me importava. E ela imediatamente tirou o robe, ficando totalmente nua. Deitou de lado, olhou para mim e estendeu o cigarrinho.

Eu pensei em levantar e sair dali, abandonar aquele quarto cheio de plantas venenosas, descer aquelas escadas velhas, passar por aquela porta verde, correr até o aeroporto, pegar o primeiro avião de volta para o Brasil, para a minha família, minha mulher, minha filha, meu cachorro, meu escritório, meu grupo de Emaús, minha reputação de empresário sério, sem mácula, ficha limpa, cara limpa, nenhum contato com droga de nenhum tipo, nem álcool, nem nicotina, cafezinho só descafeinado. Pensei também que aquela era a filha menor de idade do meu amigo Euclides, que ele tinha feito uma sacanagem comigo me transformando em contrabandista de papel brasileiro para cigarros de maconha no Mercado Comum Europeu, mas que isso não era motivo para que eu me transformasse num drogado e num devasso numa manhã de sol em Amsterdã. Pensei, pensei, pensei, estendi a mão e peguei o cigarro. Disse "obrigado" e deixei que aquela fumaça entrasse em minha boca, em meus pulmões e logo em minha mente.

Tirei o casaco, relaxei, olhei para o corpo de Luzia, sentei no chão, passei o cigarro de volta, observei o modo como ela tragava e segurava a fumaça por mais tempo, imitei-a, ela riu, disse que eu tinha que aproveitar o sol, o que considereí absolutamente normal, fui tirando a roupa, talvez ela tenha posto um disco, mas não tenho certeza, sei que deitei ao lado de Luzia e fumamos juntos por mais algum tempo, depois nos abraçamos, beijamos e fizemos amor por um tempo impossível de medir com exatidão, mas certamente prolongado, pela posterior vermelhidão do meu corpo Foi, com certeza, um dos momentos mais felizes da minha vida. Muito mais feliz do que quando ganhei aquela medalha no campeonato de futebol da minha rua com a ajuda do juiz comprado pelo avô de Luzia.

Ela queria que eu fumasse outro cigarro, confeccionado com erva de outra espécie (ela era, aparentemente, uma grande especialista no assunto, além de produtora de médio porte), mas eu tinha que voltar para o hotel, onde, no começo da tarde, participaria da mesa-redonda "Mudanças cambiais e seus reflexos na política de preços de frutas não-cítricas". Vesti-me rapidamente e olhei para Luzia, ainda nua sobre o tatame. Ela sorriu para mim e pegou, de uma estante de madeira, um livrinho pequeno, de capa negra e folhas bem finas. Era uma Bíblia. "Papai me deu antes d'eu vir pra cá", contou Luzia. "Disse que, se eu me sentisse solitária, deveria ler." E começou a ler: "Ah! Beija-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho, e suave é a fragrância de teus perfumes; o teu nome é como um perfume derramado: por isso amam-te as jovens".

"O problema", continuou Luzia, "é que essas paginazinhas dão uma ótima seda pra fechar baseado. Todos os meus amigos adoram." E puxou uma das páginas, que se desprende facilmente. "Eles só admitem trocar minha Bíblia brasileira pelos meus Colomys brasileiros, que acabaram mês passado. Resultado: já fumamos umas 50 páginas, todo o Apocalipse, que não gosto, acho baixo astral." Sorriu para mim, mais iluminada que nunca, nem uma sombra da garota insuportável daquele almoço em Brasília. E concluiu: "Acho que você salvou o Gênesis".

Aquela visão nunca mais me saiu da memória. Cada vez que as adversidades da vida - os problemas familiares e profissionais, a alta da taxa de juros, a baixa nos preços das frutas não-cítricas - ameaçam minha tranquilidade penso naquela manhã de sol em Amsterdã e na Luzia lendo em voz alta sua pequena Bíblia semi desfolhada.

Outro dia, encontrei o Euclides, e ele perguntou o que eu tinha achado de sua filha, que não via há tanto tempo. Eu disse que ela estava bem, saudável, que parecia entusiasmada com seu trabalho. Mas não disse que eu tinha salvo o Gênesis. Nem que nunca mais fumei baseado tão bom. Nem que eu tinha jogado fora aquela medalha horrível, que ganhamos juntos, com a ajuda do pai dele, o avô de Luzia, que Deus nos perdoe a todos, em Sua infinita misericórdia. Amém.

O INFERNAL FARIAS

Acordo. Minha cabeça dói demais, minhas bolas também. Acho que me excedi no sexo. Tudo porque quis provar para Pink que eu também era capaz de proporcionar-lhe uma noite inesquecível. Tão boa ou melhor que a noite que passara com meu amigo Farias.

Todos conhecem a fama de Farias. Há uma lenda: algumas de suas ex-amantes, hoje casadas ou com novos namorados, costumam reunir-se secretamente para rememorar juntas os momentos históricos que tiveram com Farias. E avaliam sua técnica insuperável, seu tremendo apetite, sua criatividade, sua capacidade de levá-las ao êxtase com inusitadas seqüências de gestos magistralmente executados.

Enfim, Pink, como tantas outras, costumava dizer que a sua noite inesquecível acontecera nos braços de Farias. E eu, apaixonado por Pink, e sentindo que ela também sentia alguma coisa por mim, morria de medo de ser comparado com o sensacional Farias em nossa primeira trepada. Ela não teria que falar nada. Apenas uma sombra em seu olhar, logo depois do sexo, seria suficiente para revelar o veredicto: foi bom, mas não foi inesquecível, como foi com Farias.

Eu sofria muito, antecipadamente. A situação chegou ao cúmulo na semana passada: na tranquilidade do meu apartamento, eu e Pink nos beijávamos, nos acariciávamos, estávamos prontos para tirar a roupa e finalmente concretizar nosso mútuo desejo, quando o fantasma de Farias apareceu e acabou com tudo. Pink, é claro, não sabia o que me fez ir ao banheiro e ficar lá mais de 15 minutos, suando frio, morrendo de medo da comparação com o gênio do sexo. Quando voltei, Pink disse que entendia e foi embora, certamente achando que eu era maluco.

Então decidi telefonar para meu amigo Farias e pedir ajuda. Disse que tinha uma garrafa de Jack Daniel's novinha esperando por ele. Em 20 minutos ele estava lá. Fui direto ao ponto: como transformar minha primeira noite com Pink numa noite tão inesquecível quanto a que ele, Farias, lhe proporcionara? Farias riu e disse que era difícil lembrar dos detalhes, que fazia muito tempo, que Pink estava exagerando etc. Mas seu orgulho era evidente.

Farias usava a fama espalhada pelas ex-amantes para conquistar novas amantes. Farias era infernal.

Depois da quarta dose, Farias se soltou. Disse que cada mulher é um universo, que cada uma tem regiões erógenas localizadas em pontos diferentes, às vezes muito bem escondidas, que é preciso muita sensibilidade. Mas então sorriu e disse que Pink era muito fácil de satisfazer. Tive vontade de dar-lhe um soco na cara, mas me contive e perguntei: "O que devo fazer com Pink?". E ele contou tudo:

"A Pink é do tipo falsa-romântica, bastante comum. Quer dizer, antes de ir pra cama, parece cheia de recatos e ai-ai-ais. Depois que tira a roupa, quer tudo."

"Tudo?", perguntei, espantado.

"Tudo. Tem mulheres que são assim: querem ser beijadas de todas as maneiras, querem ser acariciadas em todas as superfícies, querem ser penetradas em todos os orifícios. Querem tudo. Elas dão bastante trabalho, mas apenas trabalho braçal - se bem que não é só com os braços que se faz, claro. Mas não é preciso pensar muito. É fácil. Eu acho muito mais difícil contentar mulher fresca, que não gosta de certo detalhe. Por exemplo: a Quita sente cócegas no..."

"Pára", gritei, interrompendo Farias. "Não me interessa onde a Quita sente cócegas. Eu quero saber o que fazer com Pink."

"Eu já disse: tudo."

Eu peguei papel e lápis, olhei com toda a seriedade para Farias, disse que a expressão "tudo" era muito imprecisa e pedi ao Farias: "Vamos fazer uma lista".

E veio a lista, enorme, cheia de surpresas, acompanhada por comentários desconcertantes de Farias, como "depois, repete de joelhos". Quarenta e dois passos, um depois do outro, às vezes um em cima do outro, uma loucura, só o Farias pra esbanjar tanto conhecimento e tanta criatividade. Anotei tudo. Quando Farias terminou, enfiei a garrafa de Jack Daniel's embaixo do seu braço e expulsei-o da minha casa. Gentilmente, é claro. Bastante bêbado, e já com a porta do elevador fechando-se, Farias virou-se e concluiu: "Mas não esquece do toque pessoal. Toda mulher gosta de um toque pessoal". A porta fechou, Farias desapareceu. E eu pensei: pro inferno o toque pessoal! Passei o resto da madrugada decorando cuidadosamente a lista de Farias.

Na noite seguinte, fui ao apartamento de Pink. Em pouco tempo estávamos outra vez nos arretando apaixonadamente. Eu estava tranquilo: agora saberia o que fazer. Quarenta e dois passos para tornar aquela noite inesquecível. Foi então que vi a foto. Sobre uma mesinha cor-de-rosa, envolta numa moldura amarela, uma foto do meu amigo Farias, de óculos escuros, parecia zombar de mim. Parecia dizer: "Você não é capaz de lembrar dos meus 42 passos". Nesse instante, esqueci absolutamente toda a lista de Farias. Provavelmente esqueci até como se beija. Seria com a boca?

Pink tentou me acalmar. Deitou-se no chão, nua, com suas pantufas amarelas, e colocou um disco. Essa imagem nunca vou esquecer. A mulher que eu adorava, ali, à minha disposição, e a foto de Farias, o infernal Farias, zombando de mim.

Poderia ter sido meu fim. Poderia, mas não foi. Pink notou que eu olhava para a foto, pareceu lembrar-se de algo, e disse: "Você sabia que o Farias foi viajar?".

"Não", respondi.

"Ele passou aqui hoje no fim da tarde, todo apressado. Disse que estava indo pra São Paulo e tinha que deixar uma coisa pra você." Pink pegou um envelope numa gaveta e estendeu-o para mim. "Acho que é um bilhete."

Abri o envelope, que estava muito bem colado. Desdobrei o papel. Em letras de forma,

maiúsculas e retilíneas, ali estavam, descritos resumidamente, os 42 passos que Farias me ensinara na noite anterior. A última linha dizia: "Eu estava muito bêbado. Fiquei com medo de ter trocado a ordem. Esta é a certa. Não esquece o toque pessoal. Boa sorte. Farias".

Sorrindo, dobrei o papel, coloquei-o outra vez no envelope e guardei no bolso da calça. Pink perguntou o que era.

Contando o toque pessoal, foram 43 respostas.

Agora minha cabeça dói. Minhas bolas também. Mas nunca esquecerei minha primeira noite com Pink. E, tenho certeza, ela também não. Que Deus abençoe o infernal Farias.

VANESSA

Vanessa não foi a primeira, mas foi a primeira a me fazer viajar, sair de um lugar para outro à procura de... um amor, ou de uma boceta? Essas coisas se confundem um pouco para mim. E esse é um dos meus problemas, porque, aparentemente, amor e boceta são coisas muito diferentes para a maioria das pessoas. "Viajar atrás de um amor" seria uma expressão perfeitamente aceitável para quase todos os leitores de um livro, ou espectadores de um filme. Procurar um amor, sacrificar-se por ele, andar por muitos quilômetros, tudo isso é considerado romântico, civilizado, socialmente aceitável, admirável até. Se, depois disso tudo, vier um casamento e uma família eternamente feliz, o mundo inteiro entra em festa.

Mas fazer o mesmo (procurar, sacrificar-se por, andar por muitos quilômetros), tendo como objetivo admitido "uma boceta" é considerado algo extremamente reprovável, indigno, pornográfico. Vivo, então, quase sempre, muito confuso, sem saber se procuro "um amor" ou "uma boceta". Ou ambos, correndo o risco de transformar minha nobre angústia existencial numa síntese absurda, num simples jogo de palavras (e tolo, ainda por cima, pois as expressões "boceta amorosa" ou "amor de boceta" são, sem dúvida, oxímoros).

Voltando à Vanessa: eu viajei a Porto Alegre, cidade que não conhecia, atraído pela sua boceta, seguindo meu instinto animal de espalhar meu genoma dentro daquela carne promissora, perpetuando minha linhagem, obedecendo ao meu desejo. É a busca incessante do desejo que constitui a vida. O homem está continuamente em busca de sua felicidade, que, por sua vez, está sempre escondida dentro das bocetas. Isso é inquestionável. Mas eu provavelmente também viajei a Porto Alegre por uma promessa de amor; não posso, é claro, garantir isso como verdade absoluta. Verdades absolutas não cabem em palavras tão escorregadias como "amor". As bocetas são mais confiáveis e mais concretas.

Aos que já me acusam, depois dessas poucas frases, de ser um sujeito grosseiro, machista, ou coisa parecida, é bom acrescentar que, apesar de concretas, as bocetas também guardam seus mistérios, seus romantismos, suas civilidades. A boceta de Vanessa, por exemplo, eu a sabia bem concreta, mas, quando decidi viajar, não passava de um devir, de uma quase abstração, pois nunca a vira; eu nem mesmo passara a mão sobre ela, sentindo aquela tradicional maciez, aquele tradicional aumento de temperatura que se transmite tão agradavelmente a dedos sensíveis como os meus

Além disso, quando digo "boceta" não me refiro apenas a ela, a boceta, mero significante de carne, lábios, fenda e pentelhos, mas ao que ela representa, ao que ela significa, na sexualidade feminina: o centro invisível de tudo, o eixo eternamente negado em torno do qual giram todas as demais partes sexuadas da mulher, e, numa órbita mais larga, o universo conhecido. Porque, é claro, eu não viajava atrás de um órgão reprodutor/sensitivo isolado, uma racha impessoal, um buraco molhado cercado de fios não-capilares. Eu me precipitara ao Sul do país atrás da boceta de Vanessa,

especificamente aquela boceta, daquela Vanessa, apesar de nunca tê-la visto (a boceta, não a Vanessa, de quem eu já vira boa parte do corpo, inclusive a bunda).

Continuo, quem sabe, sendo obsceno. Peço então aos meus leitores, ou quem sabe espectadores, que simplesmente substituam a palavra "boceta" pela que julgarem mais apropriada. Qualquer palavra, como "vagina", "sexo", ou quem sabe "vulva" (aaarrggghh!). Poderão também substituí-la pela nobilíssima palavra "amor", o que nos traria mais uma vez ao melindroso xis da questão: "Eu me precipitara ao Sul do país atrás do amor de Vanessa, especificamente aquele amor, daquela Vanessa, apesar de nunca tê-lo visto (o amor, não a Vanessa, de quem eu já vira boa parte do corpo, inclusive a bunda)". Assim está melhor, lhe agrada? Então podemos continuar.

Mas, um momento!, há nessa substituição pelo menos uma mudança importante, e que talvez tenha relevo para o desenrolar desta história, a minha história, que começa aqui e não tem fim planejado: quando decidi viajar a Porto Alegre, sabia que, no horizonte de minha vida, poderia surgir, cedo ou tarde, a visão da boceta de Vanessa. Eu já vira seus selos (até os apertara, achando-os um pouco pequenos), já sentira suas nádegas (firmes e macias, de primeiríssima qualidade), mas, concretamente, não vira sua boceta. E, como já devem ter percebido, eu ansiava por vê-la. Não só vê-la, com certeza, mas antes de tudo eu iria vê-la, pois quem trepa no escuro é coveiro, já dizia mestre Rubem Fonseca.

Pois bem, o que quero dizer é que, rumo a Porto Alegre, dentro daquele ônibus, no horizonte de minha vida, não havia qualquer possibilidade de surgir, nem cedo, nem tarde, depois da retirada da calça e da calcinha, a visão do "amor" de Vanessa. Ah... Entendem agora aonde quero chegar? Eu queria chegar em Porto Alegre porque havia uma coisa concreta para ser vista: a boceta de Vanessa. Se quiserem, preconceituosamente, me chamar de "conquistador barato" (sei que muitos já pensam assim), eu aceito o epíteto e reafirmo: pretendia conquistar a boceta de Vanessa. E não o seu amor. Como se conquista algo que não se pode ver, tocar, cheirar, perceber? Perceberam? Ainda não? Meu problema, e imagino que seja o problema de muitos outros seres humanos do sexo masculino, já que não sou diferente deles, é que, antes de "amor", essa coisa vaga, o que nos fascina mesmo é a tal boceta, ou a promessa da boceta.

Resumindo: a boceta de Vanessa me fez viajar para longe de meu hábitat natural, o que eu julgava ser um acontecimento excepcional em minha rotina de homem à procura de si mesmo e de bocetas locais, acompanhadas de indeterminados amores pelas suas proprietárias. Não encontrei a mim mesmo, é uma pena. Mas não choro: poucos encontram. Encontrei a boceta, o que é motivo de felicidade eterna e uma certa confiança no destino do universo.

O texto é confuso, sei. Mas, afinal, o que defendo? Defendo a necessidade de considerar a importância do desejo sexual em nossas vidas. Escrevo preocupado com aqueles que consideram apenas o amor como grande motivação para as artes (e para as viagens). E mais preocupado ainda com aqueles que varrem o desejo sexual para baixo do tapete, como "apenas" um instinto. Minha busca da boceta de Vanessa foi fundamental em minha vida, apesar de nunca ter sentido "amor" por ela. Se todas as bocetas significassem amor, haveria uma hipertrofia desse sentimento tão misterioso, que certamente perderia um pouco de seu encanto. Eu poderia amá-la, com certeza. Mas não

amei. E não guardo qualquer sentimento de culpa em relação a esse fato.

Vanessa. Ela surgira numa fase complicada de minha vida. Eu morava no Rio, mas quase toda a semana viajava para Vitória, no Espírito Santo, onde meu pai agonizava num hospital. Vanessa estava de férias no Rio, com duas amigas, também bonitas. Mas Vanessa era, na minha opinião, a mais bonita das três. Era pela sua boceta que meu genoma palpitava.

Fomos apresentados pelo professor Mateus, de bioquímica, que conhecia a mãe de Vanessa por conta de uma antiga viagem a Porto Alegre. Ficaram amigos, desconfio que treparam, mas isso não vem ao caso. Mateus me pediu para acompanhar as três garotas numa visita à faculdade. Eu conhecia bem os laboratórios, pois naquela época pesquisava os microorganismos das águas do mangue do Fundão, financiado por dois doutorandos que não faziam porra nenhuma. Vanessa, no fim do segundo grau, pensava em fazer biologia, e sua mãe a convencera a interromper brevemente as férias para conhecer o nosso departamento. As suas amigas pensavam apenas em usar a boceta o máximo possível durante as férias. Normal.

Na visita, Vanessa estava sozinha. Acredito que, naquela tarde, ela desistiu de fazer Biologia. Não demonstrou qualquer interesse pelas nossas rotinas e ficou muito mal impressionada com a degradação dos equipamentos e com o valor do meu salário. Sem esquecer, é claro, que Vanessa quase desmaiou ao me acompanhar na coleta de material nas águas fétidas do pântano do Fundão.

Eu, confesso, não me esforcei muito para entusiasamá-la pela carreira. Disse que pensava em procurar um trabalho mais interessante, uma profissão mais glamourosa, como publicidade ou administração de empresas. Ela sorriu e disse que, secretamente, também pensava em fazer publicidade, mas isso eqüivaleria a uma hecatombe doméstica: seu pai, recentemente falecido, fora um biólogo de renome, especialista em seleção natural (mas eu nunca ouvira falar dele) e um velho comunista ortodoxo, ateu e orgulhoso de ter criado seus filhos para a Revolução. A mãe de Vanessa consideraria a Publicidade como um caminho rápido para a absoluta degradação ideológica e moral. Pobre velha. Achava que a boceta da filha estaria a salvo nas mãos dos bisnetos de Lenin, mas na verdade ela seria devidamente fodida pelos netos de Stalin.

Ao saber que o pai tinha morrido há pouco, contei sobre o meu, que morreria em breve. Ela, é claro, ficou com pena de mim, primeiro passo para nossa lenta e inexorável atração, guiada por pulsões biológicas que pouco (Ou nada) tinham a ver com minhas pesquisas sobre os microorganismos do Fundão. Começamos a namorar (abraços, beijos, apertões) um dia depois. Uma das amigas de Vanessa também se interessou por mim, mas eu não gosto de sexo casual e me recusei a ir ao cinema escondido com ela. Isso foi o bastante para Vanessa me considerar um cara honesto. As mulheres às vezes são muito

ingênuas. Eu percebi que ela estava disposta a me oferecer a sua boceta, mas que eu teria que lutar um pouco por ela. Estabeleceu como limite, para aquelas férias no Rio, sua bunda e seus seios.

Acompanhei as três até a rodoviária no dia em que foram embora. Vanessa me beijou, chorou um pouquinho, disse que estava apaixonada e perguntou, meio dramática, se um dia a gente se veria de novo. Eu disse que no próximo fim de semana poderia ir a Porto

Alegre, se ela quisesse. Ela enxugou as lágrimas, sorriu e disse que eu poderia ficar na casa dela. Quase ouvi sua boceta me cochichando: "E então você poderá me ver. E me ter". O ônibus partiu. Num impulso, eu fui até o guichê e já comprei a passagem. O que faz o cochicho de uma boceta... No sábado seguinte, eu estava no ônibus, rumo a Porto Alegre, rumo à boceta de Vanessa (e, quem sabe, rumo ao amor de Vanessa). E, no mesmo ônibus, estava Marina, por quem me apaixonei e que se transformou, pouco depois, na mulher da minha vida.

MINIZÔO

Não entendi bem o que ele disse antes de finalmente ignorar todos os meus gritos e os meus apelos e fazer o que tinha que ser feito. Talvez tenha sido eu te amo, mas não tenho certeza. As gurias tinham falado em dor, sangue e frustração. Se foi dor, foi bom ter doído. O sangue foi pouco, e mal sujou a toalha que eu, precavida, colocara para proteger o lençol. Tá certo, tô frustrada. Só que ontem eu tava frustrada por não ter feito, e hoje tô frustrada por ter feito. Bem melhor assim.

Os macacos se balançam na minha frente. O sol passa pelo arame da jaula e me esquenta o rosto. Daqui a pouco minha pele branca demais já fica vermelha. Eu deixo. É algo tão pequeno pra deixar. Meu corpo está mesmo rachado, finalmente. Quero que o sol fique assim, me cobrindo, me cozinhando, me engolindo. Quero que o sol me coma. Vontade de chamar todas as gurias da escola e dizer assim pra elas: tirem as calças, as calcinhas, coloquem os pentelhos no sol, deixem que ele coma vocês todas. É bom, garanto. Principalmente num dia frio como hoje. Tem que haver contraste pra ter graça. Por isso até que gostei. Não é uma questão de saber fazer, como diziam as mais experientes da turma. E uma questão de aproveitar o atrito, de encarar a fricção.

Dizem que macacos têm prazer quando pulam de um trapézio para o outro, mas é óbvio que eles só querem chegar mais rápido naquela macaquinha e dar uma coçadinha na barriga dela, com aquelas mãozinhas peludas em cima e lisinhas em baixo. As mãos são fundamentais. Não dá pra coçar sem mãos. Não imagino como seria viver sem mãos. Onde andaram hoje minhas mãos? Que minha mãe não saiba o que elas seguraram, o que apertaram, o que fizeram de maldades. Talvez unhas compridas sejam legais, afinal das contas. Eu teria feito ainda mais estragos. Mas não, talvez até já tenha me excedido. E se ele ficar com alguma marca? E se ele contar pros amigos que sou louca, que sou perigosa, que sou completamente tarada? Provavelmente vai dizer que sou fria e inexperiente. O que se passa na cabeça de um guri de 18 anos? Deve ter tanta merda ali dentro que não faz diferença o que eu fiz ou deixei de fazer.

Amanhã na escola vão me olhar diferente. Vão falar nas minhas costas. Como eu já olhei e já falei nas costas. Com toda a maldade do mundo, na mais completa inocência. Os macacos vão pular feito loucos à minha volta, agora que minha jaula está aberta. E, como todas as outras, vou fechar a porta na cara deles, pra ouvir os guinchos de fúria e desejo. As gurias falam de homens. De verdade, quer dizer. Que ignoram macacos de minizôo. Que sabem tudo. Que te comem feito banana. Num glupt. E dizem que aí sim é bom. Tão bom quanto o sol? Duvido? O calor é tanto que sou obrigada a baixar a cabeça. Assisto a milhões de tons de vermelho se misturarem nos meus olhos ainda fechados.

Me agarro no corrimão de ferro que me mantém afastada da jaula. Minha racha ainda lateja, e um calafrio de febre percorre minha espinha da bunda até a nuca. Estou quente como leite quente. E então, de repente, num jorro gelado como milk-shake, algo sai da minha racha e escorre pela minha coxa. E me sinto suja, maravilhosamente suja,

estuprada mil vezes pelo sol. Enquanto sinto a porra ir caindo devagar, perdendo velocidade à medida em que avança pela minha perna, abro os olhos de novo. Um macaco olha para mim, pisca e vai embora. Lembro que minha mãe me espera para o almoço. Pego uma pipoca no chão e jogo pro macaco, que ignora solenemente meu gesto. Mas sinto seus olhos fincados nas minhas costas quando dou meia-volta e abandono o mini-zôo.

O PEQUENO GUTO

Sete e meia da manhã. O pequeno Guto, três anos, ainda de pijama, assistia à TV, quieto, apesar de não estar gostando nada do programa. Era um debate sobre a possível reeleição do presidente, proibida pela Constituição. A maioria governista no Congresso, contudo, depois de analisar as pesquisas eleitorais, havia constatado que a única chance de manter tudo como estava era mudar a Constituição, dando mais quatro anos ao atual presidente. No debate, um deputado oposicionista dizia que isso se chamava golpe. O outro, do governo, dizia que isso se chamava democracia.

Guto não tinha condições de julgar quem estava com a razão. Na verdade, já tentara trocar de canal duas vezes, apertando o controle remoto, mas o pai, funcionário público, disse que estava interessado no debate, que ouvia enquanto lavava a louça do café da manhã na cozinha. E o controle remoto repousava agora na inatingível última prateleira da estante. A mãe de Guto, grávida de sete meses, escovava os dentes. Tudo aconteceu em menos de cinco minutos. A mãe de Guto olhou o relógio de pulso e viu que estavam atrasados. Gritou

"O, Geraldo, tu já terminou de vestir o Guto?"

"Eu tô lavando a louça, porra!", respondeu o pai.

A mãe terminou de escovar, encheu a boca de água, bochechou bem rápido e cuspiu. Então gritou mais uma vez:

"Meia hora pra lavar três xícaras!" Secou a boca na toalha e saiu do banheiro.

Guto continuava assistindo à TV. A mãe passou por trás dele, na direção da cozinha, e falou:

"Nós estamos muito atrasados. Deixa que eu termino."

O pai estava secando a última xícara quando a mãe entrou na cozinha. O pai disse, irritado:

"Já terminei."

E a mãe, que também estava irritada, respondeu:

"Então bota o uniforme no Guto." O pai se recusou:

"Eu tenho que ir no banheiro." E saiu da cozinha.

Guto continuava assistindo ao debate, agora mais acalorado. Os deputados acusavam-se mutuamente de corrupção. O pai passou por trás dele, resmungando:

"Porra. Era só o que faltava." Entrou no banheiro. A mãe veio atrás dele e disse:

"Eu levantei duas vezes durante a noite pra atender a criança, fiz o café e tenho que levar ele na escolinha. Tu podia me ajudar um pouco, só pra variar."

O pai, sentado na patente, gritou:

"Me deixa cagar em paz."

A mãe saiu do banheiro, deu um chute na porta e gritou:

"Cagalhão de merdal Maldito o dia em que te conheci."

Guto continuava assistindo à TV alheio à briga dos pais. Sabia que pouco depois eles se beijariam e pediriam desculpas um ao outro. Então a campainha tocou. Por um instante, Guto desviou os olhos da tela, mas logo voltou à letargia. A campainha tocou mais uma vez. A mãe passou por trás de Guto, ainda irritada, falando sozinha:

"Sete e meia da manhã e já tem gente pra encher o saco na porta."

A mãe abriu a porta. Era um menino de uns 11 anos, maltrapilho, com a cara suja. Ele disse:

"A senhora tem um pãozinho pra me dar?"

A mãe, impaciente, respondeu:

"Hoje não tem, não. Passa amanhã, tá?"

O menino, num gesto rápido, pegou uma faca que trazia escondida e a encostou na barriga protuberante da mãe. Ela recuou. O menino entrou na casa e falou, nervoso:

"Me dá o dinheiro, os dólar, eu quero os dólar!" A mãe, apavorada, disse:

"Pelo amor de Deus, cuidado. Eu estou grávida." O menino insistiu:

"Os dólar!"

Guto continuava vendo o debate. Agora o deputado oposicionista acusava o governo de comprar os votos necessários para aprovar a reeleição. O deputado situacionista disse que aquilo era uma calúnia. Guto olhou para o controle remoto e pensou na possibilidade de pegar uma cadeira para subir na estante e depois escalar as prateleiras, mas sabia que, se fosse pego pelo pai ou pela mãe no meio da tentativa, apanharia bastante. Não seria uma boa maneira de começar o dia, de modo que decidiu ficar onde estava. Talvez o programa melhorasse. Talvez aqueles dois finalmente brigassem de verdade. Alguns socos, um ou dois pontapés. Enfim, alguma ação. Guto era otimista. De repente, um grito mais forte da mãe chamou a sua atenção:

"Geraldo!"

O pai, que estava sentado na patente, lendo a seção de esportes do jornal, gritou:

"Já vou."

A mãe voltou a gritar desta vez com um timbre que Guto nunca ouvira:

"Geraldo, depressa!"

Guto sentiu que alguma coisa diferente estava acontecendo. Levantou e caminhou em direção à porta de entrada. Ficou assustado quando viu a mãe e o menino maltrapilho. A mãe, ainda com a faca na barriga, falava muito rápido, quase atropelando as palavras:

"O meu marido tá no banheiro, ele vai te dar dinheiro, mas a gente não tem dólar mas ele te dá cruzeiro, talão de cheque, tíquete-refeição, o que tu quiser."

O menino recusou:

"Eu quero os dólar!"

Guto não entendeu o que estava acontecendo, mas o rosto transtornado da mãe, mais a imagem da faca, foram suficientes para deixá-lo com medo. A mãe viu Guto e falou com ele:

"Guto, meu amor chama o papai lá no banheiro."

Guto assentiu com a cabeça e saiu. Bateu na porta do banheiro e chamou:

"Papai."

O pai, que lia sobre a derrota do seu time e a demissão do técnico, respondeu, sem levantar os olhos da matéria:

"Já vai, já vai. O papai tá meio desarranjado."

Guto insistiu:

"A mamãe tá chamando."

Então o pai gritou:

"Manda ela parar de me encher o saco. Entendeu? Pra ela parar de me encher o saco!"

Guto pensou um pouco. Acabou concluindo que aquela era uma situação de emergência. Foi até o quarto dos pais, abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, meteu a mão no fundo e pegou uma arma pequena, calibre 22, típica arma de mulher. A mãe continuava falando com o menino maltrapilho:

"O meu marido já vai providenciar tudo. Se tu quiser ele vai trocar os cruzeiros por dólar. Não vai dar muito, mas..."

Então a mãe viu Guto aproximando-se com a arma. E a criança, mesmo desajeitada, estava com o dedo no gatilho. A mãe tentou falar mas a voz não saiu da sua garganta. Guto disse:

"O pai mandou parar de encher o saco."

O menino maltrapilho olhou para a arma e achou que era de brinquedo. Disse para Guto:

"Que bonito este revólver!" Guto disse:

"É, né?" E atirou, caindo para trás com o impacto do disparo. A bala atingiu o lustre do teto, que quebrou, espalhando cacos de vidro pelo chão. O menino maltrapilho fugiu correndo. A mãe fechou a porta, empurrando-a com força. Depois deslizou lentamente até o chão e começou a chorar. Guto, assustado, berrava desesperadamente. O pai chegou, segurando a calça com a mão, e perguntou:

"Que barulho foi esse?"

A mãe arrastou-se até Guto e pegou o filho no colo. Tentou acalmá-lo, mas Guto continuava berrando. O pai encontrou a arma no chão, apanhou-a e falou:

"Eu disse pra tu não comprar esta porcaria, que era perigoso pro Guto. Ele podia ter morrido!"

E colocou a arma sobre a mesa. A mãe, furiosa, largou Guto no chão e levantou-se. Colocou o dedo na cara do pai e gritou:

"Cala a boca! Enquanto tu tava no banheiro, cagando, eu quase fui estuprada por um marginal! Não tem homem nesta casa!"

O pai pegou a mãe pelos ombros e a sacudiu:

"Não banca a histérica. E pára de inventar! Não tem marginal nenhum. Eu disse que não era pra comprar esta merda..."

Pai e mãe continuaram discutindo. Acusavam-se mutuamente de desleixo com o filho, de destruir a vida um do outro, de nunca estar disponível para as tarefas domésticas etc. Guto parou de chorar pois percebeu que ninguém mais estava prestando atenção nele. Então viu o revólver sobre a mesa. Aproximou-se dele. Pai e mãe continuavam brigando. A criança estendeu a mão e pegou arma.

Voltou à sala, caminhando lentamente. Agora carregava o revólver com mais cuidado. Ficou de pé, a alguns passos da TV. Continuava o debate sobre a reeleição. Guto levantou a mão e apontou a arma. Disparou. A bala atingiu em cheio a tela, estilhaçando-a. Guto sorriu. Um sorriso aberto, faceiro, infantil, cheio de esperança. O pai e a mãe entraram correndo na sala. Guto olhou para eles e disse, ainda sorridente:

"Aqueles homens também foram embora. Agora eu posso ver um desenho?"

KIT 21

Carlos Eduardo corre muito, talvez como nunca correu na vida. São apenas três quadras. Enquanto isso, na cozinha, sua esposa Mirtes desliga o computador e prepara a louça para ser lavada na máquina. Tira os restos de comida e vai empilhando as coisas nas prateleiras internas da máquina. A TV está ligada. Mirtes escuta:

"A Revolução Industrial transformou o mundo. Tarefas que antes exigiam horas de esforço físico de seres humanos passaram a ser executadas por máquinas. A Revolução Tecnológica acelerou ainda mais o processo, automatizando processos e liberando o ser humano de rotinas desgastantes. Mas foi só na Revolução Sexo-Cibernética que a mulher finalmente encontrou paz de espírito e felicidade."

Mirtes senta-se em frente à TV na qual uma mulher pouco atraente, creditada como "Inventora do Kit 21" continua seu texto. Está segurando um pequena caixa de plástico na mão direita. "E foi esta pequena maravilha, conhecida mundialmente como Kit 21, a responsável por tudo. Basta possuir um computador pessoal, um modem e este kit para ingressar no maravilhoso mundo da Revolução Sexo-Cibernética. Ligue agora para o numero que aparece em seu vídeo, e descubra por que mais de cem milhões de mulheres, no mundo inteiro, já possuem o Kit 21. Você recebe, inteiramente grátis, esta luva multimídia. E lembre-se: eu, Laura Matos, garanto pessoalmente que sua vida vai mudar. Se você não ficar satisfeita, basta ligar para mim. Este é o meu negócio, mas esta é a sua vida."

Mirtes sorri. Carlos Eduardo chega em casa, ainda correndo. Abre a porta, sobe um lance de escadas e entra na sala. Fala com dificuldade, ofegante:

"Mirtes, me disseram no escritório que o Moisés estava aqui. E que vocês estavam trepando."

Mirtes olha para o herói e responde tranquilamente:

"É mentira."

Carlos Eduardo examina discretamente todas as dependências de sua casa e volta para o escritório, aonde chega muito irritado. Seu sócio Moisés, que antes, ao ser procurado por Carlos Eduardo, estava desaparecido (na verdade, estava no banheiro, com seu inseparável computador no colo), agora está no corredor fumando um cigarro.

Em sua sala, Carlos Eduardo reencontra Laura Matos, a inventora do Kit 21, o novo produto que o escritório de marketing de Carlos Eduardo está lançando no mercado. Laura não tem mais dinheiro para anunciar seu kit revolucionário. Precisa, desesperadamente, convencer Carlos Eduardo a investir do próprio bolso ou arrumar investidores. Para isso, antes tem que convencê-lo da eficiência de seu invento.

"Eu cheguei lá, correndo, e entrei de repente" diz Carlos Eduardo. "Ela tinha acabado de lavar a louça do almoço e estava vendo televisão. Sozinha. Eu banquei o idiota. Nunca mais me faz desconfiar da minha mulher entendeu? Eu amo a Mirtes. E ela me ama. Entendeu? Pára com esse teu joguinho! E esquece essa porra desse kit, que não serve pra nada!"

"Sua esposa comprou o Kit 21 ontem à tarde. Você, por acaso, já entendeu como funciona esta luva?"

Carlos Eduardo olha para a luva multimídia, que está ligada a um pequeno computador. Laura faz uma rápida demonstração.

Carlos Eduardo procura Moisés. Não o encontra.

Carlos Eduardo corre muito, talvez como nunca correu na vida. São apenas três quadras.

A CRISE FEZ DE MIM UM MONSTRO

Brígida colocou uma meia de seda preta sobre sua interminável perna direita. Depois colocou a outra meia sobre a sua interminável perna esquerda. Na verdade, não eram intermináveis, mas tinham, cada uma, 92 centímetros.

Ao seu lado, Ângelo lia o jornal. Na verdade, desde que Brígida começara o ritual de vestir as meias, ele não conseguira mais ler uma linha sequer. Quando ela terminou, Ângelo estava nitidamente excitado. Brígida sorriu, mas, de repente, descobriu que havia um furo na meia da perna esquerda e levantou da cama para examiná-lo melhor.

"Porra! Era a minha última meia decente!"

"Mal se nota este furinho."

"Você não está entendendo? A meia está estragada. Não tenho mais nenhuma meia. Todas estão furadas, ou rasgadas, ou a babá roubou antes de ser despedida."

"Amanhã eu compro outra. Vem aqui."

"Você sabe quanto custa uma meia igual a esta?"

"Não."

"Custa mais de 50 reais."

"E você sabe como é que tá a nossa conta no banco?"

"Não faço questão de saber."

"Mais de reais paus além do limite."

Brigida sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas.

"A nossa vida tá um inferno" choramingou.

"Não pensa mais nisso. Vem aqui."

Brigida voltou a sentar-se na cama.

"Falando sério, não dá mais. Eu não agüento mais essa crise, essa pobreza. Nem uma minha eu posso comprar! Daqui a pouco a gente vai começar a economizar manteiga em cima do pão."

"Podia ser pior. Eu podia ter sido despedido, que nem o Nataniel."

"Com esse teu salário de merda, talvez até fosse melhor. Talvez você criasse vergonha na cara e fosse procurar um emprego decente."

Ângelo levantou da cama, indignado.

"Ah, é? Mas foi esse salário de merda que comprou as tuas meias de seda."

"Ângelo, você vive no passado. Estas meias têm mais de quatro anos, quando a crise ainda não tinha chegado."

Ângelo tentou trocar a tática.

"Eu vivo no presente. E o presente são estas pernas maravilhosas. Eu vou te mostrar como a gente supera a porra da crise."

E jogou-se na cama, abraçando Brígida e tentando colocá-la sob seu corpo. Mas Brígida não deixou. Ela era bem mais forte que ele. Tinha 1m80cm, jogava capoeira e malhava diariamente. Ângelo tinha 1m68cm e uma barriga que cresce, diariamente. Brígida jogou Ângelo na cabeceira da cama e levantou-se.

"Não vou trepar com a minha meia furada."

"Pelo amor de Deus. Eu não reparo..."

"Eu reparo. E pode ter certeza. Amanhã eu vou achar um emprego. Chega de estudar."

"Ótimo. Eu acho que você vai achar um emprego bem fácil. Agora, chega de bobagem e vem aqui."

"Tá me achando com cara de babaca? Tá achando que eu casei como você pra ficar nessa merda que a gente tá?"

Ângelo ficou de pé e aproximou-se de Brígida bem devagar. Então segurou suas mãos e disse:

"Você casou comigo porque me ama. E eu amo você. Muito. A gente não pode deixar a crise acabar com isso. Você sabe que a gente combina, e isso é raro."

Brígida sorriu e disse:

"Eu amo mesmo você. Desculpe."

Ângelo ficou na ponta dos pés. Brígida se abaixou um pouco. Eles se beijaram. Ângelo queria mais, mas Brígida livrou-se dele com um empurrão e foi cuidar do bebê, que estava começando a chorar.

disposta a dar um jeito em sua vida. O problema é que não sabia como. Assim, enquanto pensava que tipo de emprego seria ideal para uma moça inteligente, bonita e sem qualquer experiência em atividades produtivas, ficou ouvindo, ao lado da amiga Doroti, o que ensinava o professor Hipólito. Ele terminou a aula assim:

"Muito mais que nas outras peças, quando falamos de Electra temos que ressaltar o elemento formal, porque é aqui que podemos compreender melhor a tragédia de Sófocles como a obra de arte clássica, a obra de ante da época do Partenon. Atuar em Electra é personificar algo estabelecido, quase irretocável. O ator de Sófocles é o porta-voz do teatro clássico. Mas... Vejam Eurípedes. Basta ler um pequeno trecho de qualquer uma de suas obras para perceber uma diferença brutal. Agora os atores não são mais títeres a serviço do autor dramático. Agora eles atuam. A crise do classicismo é o levante do indivíduo contra a ordem perfeita. Se eu sou um ator eu tenho direito de atuar mesmo por trás da máscara. Essa situação levou Bulle a proferir sua célebre frase: 'O inimigo mais antigo e mais perigoso do autor dramático foi, e sempre será, o ator'. Muito obrigado, e até a semana que vem."

Os alunos levantaram-se e saíram da sala. Brígida e Doroti trocaram um olhar de "graças a Deus".

"Eu amo a tragédia grega" disse Doroti. "De repente, até o final do curso, vou acabar lendo uma peça desses caras."

"Eu li Édipo" disse Brígida. "Tri boa. Mas é muito triste. Se eu lesse um troço desses agora, era capaz de entrar numa puta depressão. Mas depressão mesmo, daquelas clássicas."

"Que que houve? O Ângelo tá chato de novo?"

"Não. Ele é um amor. Não sei como ele me agüenta."

"Se não é sexo, é grana."

"A gente nunca teve 'grana'. Mas... Também nunca eu tive que usar meia furada, ou levar maquininha de calcular pro supermercado. Eu cansei de crise. Deu pra mim. Eu disse pro Ângelo que eu vou arranjar um emprego. E ele não acreditou. Mas é sério. Eu cansei de assistir a aula sobre tragédia grega."

"Tu tá falando sério?"

"Claro."

"E se for um emprego de... atriz?"

"Tá maluca? Isso não existe."

"Existe."

"Onde? No Rio de Janeiro?"

"Aqui."

Doroti tirou da bolsa um cartaz feito a mão com os seguintes dizeres: "Produtora de cinema e vídeo, com vários produtos lançados no mercado, procura atrizes para filme, com ou sem experiência. Cachê inicial de mil dólares por semana. Procurar o sr. Barreto, através do fone 24.25.26". Doroti passou a falar em voz baixa, como se contasse um segredo:

"Hoje de manhã eu tava de banda ali no corredor e vi quando o cara chegou. É um carioca baixinho, mas o negócio parece que é sério. Eu falei um monte com ele. Ele paga adiantado. Pedi que eu avisasse todo mundo. Logo que ele saiu, arranquei o cartaz. Vou lá hoje de tarde."

"Mas que tipo de filme é?"

"Ele não disse. Disse que ia me dar o roteiro hoje de tarde."

"Mil dólares!" exclamou Brigida.

"Mil dólares!", ecoou Doroti.

3

O almoço de Ângelo e Brigida, dois dias depois, foi decisivo para o futuro do casal. O filho, um bebê de dez meses, sentado entre eles numa cadeirinha alta, alheio ao clima tenso, divertiu-se o tempo todo espalhando a comida pela toalha, livre das costumeiras censuras dos pais.

"Eu te disse que precisava do dinheiro pra hoje de tarde", disse Brigida.

"Eu sei que tu disse. Eu sei que tu precisa do dinheiro. Eu só não sei de onde eu vou tirar esse dinheiro."

"Dá um jeito, Ângelo. A situação tá ficando insustentável."

"Insustentável! Por que a situação tá insustentável? Tá faltando comida? Não. Ontem tu fez um rancho de 80 reais."

"Que eu tive que pendurar no armazém da esquina."

"Isso não interessa. Nós vamos pagar."

"Mas tem certas coisas que o armazém da esquina não tem."

"Então, meu amor por favor considera que nós estamos numa puta crise, que o país todo tá numa puta crise, e que nós podemos passar sem certas coisas que o armazém da esquina não tem."

"Tem certas coisas que são essenciais."

"Nada é essencial, meu amor. Tem arroz? Tem feijão? Tem leite pra criança? Então..."

"Não tem mais fralda!"

"Fralda... Fralda... Quando custa um pacote de fralda?"

"As mais vagabundas, dez reais."

Ângelo pensou um pouco, olhou para o chão e, vencido, afirmou:

"A situação é insustentável."

Brígida armou seu melhor sorriso e pegou a mão do marido.

"Querido, não fica assim. Nós vamos dar a volta por cima. Pode ter certeza."

"Como?", murmurou Ângelo, quase em lágrimas.

"Eu recebi uma proposta de emprego. São mil dólares por semana, mais plano de saúde e participação nas vendas se a vendagem ultrapassar mil cópias."

"Do que tu tá falando?"

"De ser atriz."

Brígida levantou-se, pegou um maço de folhas grampeadas na bolsa e entregou-o para Ângelo.

"Este é roteiro", afirmou Brígida, gravemente. "Eu quero que tu leia com atenção, pra depois não dizer que não sabia do que se trata. Eu te amo muito. Se tu não quiser que eu faça, tudo bem, eu compreendo."

E Ângelo leu, com toda a atenção do mundo.

4

Brígida colocou uma meia de seda preta sobre sua interminável perna direita. Depois colocou a outra meia sobre a sua interminável perna esquerda. Na verdade, não eram intermináveis, mas tinham, cada uma, 92 centímetros. As meias, novas e brilhantes, realçavam os contornos das pernas de Brígida e deixavam Ângelo muito excitado. Ela tentou escapar mas Ângelo, que nos últimos meses andava fazendo musculação e corria no parque com seu personal-trainer, subjugou-a facilmente. Brígida gostava de ser subjugada. No meio da festa, o bebê começou a chorar mas a nova babá já sabia lidar com ele.

Quando terminaram, Brígida beijou Ângelo amorosamente e saiu para o trabalho. Ângelo ficou mais um pouco na cama e depois foi dar uma volta com o cachorro. No início, ainda se sentia mal quando os amigos, cheios de dedos, vinham fazer perguntas sobre a nova (e muito exitosa) carreira da esposa. Mas, agora, Ângelo estava em paz

consigo mesmo e de bem com a vida. Quando alguém lhe perguntava como ele conseguia agüentar aquela situação, ele colocava um sorriso no rosto e, com verdadeiro ar de felicidade, respondia:

"A crise fez de mim um monstro."

ANA NÃO SE ENGANA

Ana tinha orgulho de sua memória privilegiada, pelo menos na seção "Os homens da minha vida". Por isso, não teve dúvida alguma quando divisou Carlos Roberto Menezes do Amara! encostado no balcão, ao lado de outro rapaz que nunca vira antes. Automaticamente, bateu com o cotovelo nas costas de Graça, sua companheira inseparável nas noites de caça. O gesto era uma espécie de senha entre as duas e significava algo entre "boa possibilidade em frente" e "preparando o ataque, dependendo de quantas cervejas já tivessem tomado. Graça acompanhou o olhar de Ana, tentando identificar o alvo escolhido pela amiga, mas havia muita gente entre elas e o balcão.

"É ele, Carlos Roberto Menezes do Amaral", suspirou Ana.

Graça, que tinha orgulho de sua visão privilegiada, pelo menos na seção "Os homens à minha frente" logo percebeu que Ana só podia estar falando daquele ser memorável de terno cinza e gravata com o nó meio aberto, que conversava com outro garoto, este de óculos redondos de lentes grossas, também interessante, mas um pouco desengonçado. Graça não conhecia nenhum dos dois.

"Você lembra dele?", cochichou Ana. "Foi nosso colega de cursinho. Era meio burrinho, coitado. Eu ensinei pra ele a fórmula da Baskara. Estava louco por mim, mas tinha uma namorada chata, que não saía do nosso pé nem nos intervalos das aulas."

Graça fez um esforço, tentou imaginar o alvo com cinco anos a menos, de jeans e camiseta, mas não lembrou de coisa alguma. Talvez fosse o outro. "É aquele de óculos?", arriscou.

"Claro que não!", retrucou Ana. "É aquele de terno cinza. Eu tive notícias dele há uns tempos. Casou com a chata, depois separou. Sem filhos. Trabalha na agência de propaganda do pai. Mora sozinho. Sai pouco de casa. Continua burrinho, mas tá cheio da grana. Primeira vez que vem no Dado."

"Ana, você tem certeza que não está confundindo o cara?"

"Ana não se engana!", disse Ana, mais confiante que nunca.

"Ana não se engana... E aquela vez que você chamou o cara de Alfredinho, e ele disse que você era a Ginger?"

"Foi só aquela vez. Mas rolou, não rolou?", lembrou Ana.

"Rolou", confirmou Graça, sorrindo. "Mas como você sabe que ele nunca veio aqui?"

"Pela maneira como olha em volta, curioso, tentando adivinhar se aquele é o melhor

lugar para ver e ser visto. Além disso, se tivesse vindo, eu já teria visto, pois eu vejo todo mundo porque estou no melhor lugar: bem aqui. Vamos lá!"

E foram. Ana esbanjava segurança. Conseguiu se encostar no balcão bem ao lado do antigo colega de cursinho. Graça, fiel escudeira, ficou um pouco mais atrás, fazendo de conta que chamava o garçom. Ana sorriu para o alvo e disse:

"Xis é igual a menos bê, mais ou menos raiz quadrada de bê dois menos quatro a cê sobre dois a."

O efeito da fórmula de Baskara sobre o alvo foi imediato. Ele abriu um grande sorriso e abraçou Ana, enquanto gritava:

"Cristina! Cristina! Nem me conta, eu adivinho: você voltou da Inglaterra há pouco e veio conhecer o bar. Claro! E isso! Eu venho aqui desde que inaugurou e nunca te vi."

Antônio então virou-se para o amigo: "Eu ensinei a fórmula de Baskara pra essa garota no colégio. Ela disse que nunca ia me esquecer por isso. Cristina! Cristina! Nem acredito... E então, você já concluiu o teu curso de poesia medieval inglesa?"

Ana não desmanchou o sorriso. Enquanto procurava uma resposta, decidiu apresentar sua amiga:

"Esta é a Graça."

"Prazer Antônio Wenceslau Filho. E este é Ricardinho; completou Antônio, batendo no ombro do amigo. "Ele é um crânio, Cristina. Sabe tudo de física quântica. Estamos desenvolvendo juntos o projeto do primeiro acelerador ecológico de partículas subatômicas do mundo."

Ana, por um momento, pensou em dizer que se chamava Ana, e não Cristina, e que tinha certeza que Antônio não era Antônio, e sim Carlos Roberto Menezes do Amara!. Mas de que isso adiantaria? A noite era uma criança, e eles certamente tinham outras afinidades além da fórmula de Baskara. Ana olhou para Graça, sorriu e murmurou, enquanto os rapazes molhavam a garganta: "Eu não disse? Ana não se engana. Aposto que vai rolar". Graça sorriu.

E, como sempre, rolou.

FELIZ FEIRA NOVA

Pereba e Zequinha planejaram tudo cuidadosamente. Saíram do seu esconderijo no exato momento em que o bedel sacudiu o sino pela primeira vez, abrindo oficialmente a Feira do Livro de Porto Alegre. Pereba com seu reluzente fuzil AR-15, Zequinha com sua velha carabina 12. Apesar da presença do governador do prefeito e de outras autoridades, o policiamento era fraco. Pereba descarregou todo o pente do AR-15 num amplo movimento circular quase 180 graus, liquidando com pelo menos nove brigadianos antes que estes sequer sacassem seus revólveres. É claro que algumas dezenas de inocentes também morreram, mas, para Pereba, a palavra inocência perdera o sentido há muito tempo. Zequinha, mais cerebral, subiu numa cadeira e mirou nos policiais mais distantes, que corriam feito malucos para o palanque, atraídos pelo estrondo dos tiros. Foi tudo muito rápido. Seis tiros, seis cadáveres.

É claro que logo chegariam os reforços, melhor armados, quem sabe até os palhaços do batalhão de choque, com suas viseiras ridículas, ou os idiotas do GATE, com suas fantasias de SWAT terceiro-mundista. Pereba e Zequinha, entretanto, sabiam exatamente o que fazer. Subiram no palanque, e Zequinha apontou a 12 para as cabeças do governador e do prefeito. Politicamente podiam não se entender bem, mas assim, com os braços levantados, brancos como cera, eram exatamente iguais: dois homens se cagando nas calças, com medo de morrer. Zequinha expulsou todas as outras pessoas do palanque e empurrou os reféns para a frente, transformando-os num escudo. Pereba pegou o microfone:

"Se alguém tentar subir aqui, morre todo mundo. Morre o governador morre o prefeito, morre o Zequinha, eu também morro, mas arrasto uns 50 ou 60 comigo, que esta porra cospe fogo até quando o dono já foi pro inferno. Tá entendido?"

Ouviram-se apenas o vento roçando a copa dos jacarandás, além de gemidos esparsos de alguns sobreviventes da fuzilaria. Pereba continuou seu discurso:

"Exigimos a presença, neste palanque, do escritor Rubem Fonseca. Sabemos que ele está no Rio de Janeiro e que detesta aparecer em público. Ele que se dane. Deve pegar o vôo das oito da noite e vir direto do aeroporto pra cá. Esperamos até as 11 horas. Se ele não aparecer metemos bala na cabeça do prefeito, do governador e de todo mundo que estiver na nossa frente. Deu pra entender?"

Silêncio total, logo quebrado pelo som agudo das sirenes, que pareciam vir de todas as direções.

"Nós não estamos brincando, porra!" E, para sublinhar sua frase, ergueu o fuzil e despejou mais uma rajada do AR-15. Dessa vez num ângulo mais agudo, no máximo 45 graus. No máximo 20 mortos, além de uma farta distribuição de sangue e pedaços de cérebro sobre os livros expostos nas bancas mais próximas.

A multidão correu, derrubando barracas inteiras, pisoteando velhos e crianças, gritando que todos iam morrer. Grande novidade, pensou Zequinha. Ainda bem que os leitores não escrevem livros. Seriam um monte de obviedades sem graça.

O chefe da feira, um sujeito esquisito de barba e óculos, agachado atrás de uma carrocinha de pipoca, tombada bem ao lado do palanque, usou seu celular e ligou para Rubem Fonseca. Mas o escritor jamais atendia o telefone. O barbudo deixou o seguinte recado na secretária eletrônica: "Pelo amor de Deus, você precisa vir a Porto Alegre hoje à noite. Não é para dar autógrafos! Repito: não é sessão de autógrafos. É uma questão de vida ou morte".

"Questão de vida ou morte...", pensou Pereba. "Péssima literatura. O negócio desse chefe da feira é mesmo vender livros, e não escrevê-los."

Mesmo assim, Pereba sorriu, agradecido, ao barbudo. Agora era uma questão de tempo. Umas quatro ou cinco horas. Pouco tempo, para quem esperava há 20 anos. A Praça da Alfândega foi cercada pela polícia civil, pela Brigada e pelo exército. A confusão foi tanta que pelo menos quatro populares morreram, vitimados por balas perdidas, disparadas por ninguém sabe quem.

O vice-governador tentou falar com eles usando um megafone. Zequinha atirou no megafone. O cardeal veio da catedral, carregando uma Bíblia. Pereba gritou que, se ele se aproximasse, não ia atirar na Bíblia. Um idiota de uma TV local tentou iluminar o palanque para melhorar a qualidade da transmissão ao vivo. Morreu em segundos, no escuro.

Rubem Fonseca chegou às cinco para as 11, vestindo um colete à prova de bala e escoltado por dez fuzileiros navais.

Atiradores de elite posicionaram-se em todos os telhados da praça. Pereba e Zequinha sorriram quando viram o escritor.

"O que vocês querem?", disse Fonseca.

"Mostrar que você não entende nada. Nunca entendeu. Você é um merda. Você não sabe nada sobre armas, sobre tiros, sobre gente que morre e gente que mata."

"Eu sei alguma coisa", disse Fonseca. "Li muito a respeito."

"Leu errado. Por exemplo, você disse que se um cara levar um tiro de uma carabina 12 contra uma parede de madeira ele vai ficar grudado lá, sem cair."

"É verdade. No meu conto, você..."

"No seu conto porra nenhuma!", cortou Pereba. "Nada aqui é seu. A sua propriedade acaba de ser confiscada. Estamos aqui para acabar com todas as mentiras."

"Você é uma mentira, Pereba, e seu discurso é muito velho. Vamos acabar com essa palhaçada. Solta o prefeito e o governador que eu subo aí, e nós resolvemos logo esta questão."

O prefeito e o governador desceram, e Fonseca subiu. Os olhos de Pereba e Zequinha brilhavam.

"Tira este colete", ordenou Pereba.

Fonseca obedeceu.

"Você tem que ficar a uns cinco metros da parede", ordenou Pereba. "É isso aí, perfeito. Zequinha, você descarrega os dois canos ao mesmo tempo, certo?"

"Certo", disse Zequinha, já com a 12 apontada contra o peito de Fonseca.

"Esta parede é de madeira, não é, sabichão?"

Fonseca olhou para as suas costas.

"E. Mas é uma madeira meio fina, talvez não funcione."

"Não vem com explicação, seu merda. Vai grudar ou não vai grudar?"

Fonseca pensou um pouco, avaliou a espessura da parede do palanque e confirmou, com voz forte e confiante:

"Vai. Vai grudar."

"Mentira! Fantasia! Ficção! Atira, Zequinha!"

Zequinha atirou. O corpo do escritor voou os cinco metros que o separavam da parede e ficou grudado a mais de 30 centímetros do chão. O sangue jorrava como numa cachoeira do peito de Fonseca. Pereba e Zequinha aproximaram-se dele.

"Logo vai deslizar e cair", disse Pereba.

Mas o corpo não caiu. Ficou lá, como se estivesse pregado. Zequinha tentou puxá-lo um pouco para baixo, mas não conseguiu.

"O filho da puta estava certo", murmurou Pereba. "Acho que eu nunca tinha tentado com uma parede desta grossura. Incrível! O cara entendia mesmo do assunto. Olha só, Zequinha, que bela obra de arte."

Pereba pegou outra vez o microfone e viu que 200 armas estavam apontadas contra o seu peito. "Antes de nos despedirmos, gostaria de pedir uma salva de palmas para este grande mestre da literatura brasileira e sugerir que a parede e o cadáver permaneçam expostos aqui, como parte integrante da 1º Bienal do Mercosul."

Alguém deu a ordem, e o palanque foi atingido pelo fogo de inferno, cuspidor por centenas de fuzis, revólveres e metralhadoras de todas as nacionalidades e calibres. Pereba e Zequinha morreram felizes, aos pés do seu criador.

Depois de um instante de silêncio, o bedel sacudiu o sino pela segunda vez, e a Feira do Livro de Porto Alegre finalmente começou.

O CASO DA ERVA GALHUDA

Ivan, Tito e Marcelo vinham planejando a grande excursão de surfe há mais de um ano. A idéia era sair do Rio com a velha Kombi de Ivan, famosa por seus inúmeros desenhos psicodélicos na lataria, e ir até Garopaba, em Santa Catarina, parando em todas as praias do caminho. A aventura duraria exatamente um mês, aproveitando as férias dos três.

Saíram numa segunda-feira, com um sol maravilhoso e várias pranchas no rack. Tudo estava perfeito. A Kombi afastava-se do Rio pela Via Dutra, com Ivan na direção e Raul Seixas no toca-fitas. Então Ivan falou:

"Precisamos estabelecer algumas regras."

Tito, que estava fechando um baseado, e Marcelo, que tinha acabado de abrir uma lata de cerveja, protestaram.

"Sem regras! Sem regras!", gritou Tito. E cantou junto com Raul: "Faz o que tu queres, pois é tudo da lei, da lei!".

"Negativo, brother", disse Ivan. "A regra número um é: quem fuma ou bebe não dirige."

Marcelo tomou um grande gole de cerveja e respondeu:

"Como eu não sei dirigir só posso beber e fumar."

"Tô falando sério", disse Ivan. "A viagem é longa e não quero incomodação com a policia."

"Não é mais Ivan, o Terrível. É Ivan, o Paranóico", disse Tito. "Vocês lembram o Terêncio, aquele meu amigo gaúcho? Me ensinou um esconderijo fantástico pro baseado."

Tito pegou um pacote de erva-mate, abriu, jogou um pouco da erva pela janela e depois preencheu com maconha, retirada de um saco plástico. Misturou bem. Fechou outra vez o pacote e colocou numa sacola. Finalmente, acendeu o baseado e cantou:

"Se eu quero e você quer tomar banho de chapéu..."

"Vocês dois são loucos", disse Marcelo.

E então Marcelo viu alguma coisa na estrada. "Olha lá, não é a policia rodoviária?"

"Mas a gente ainda nem saiu do Rio!", disse Ivan, assustado.

Um pouco adiante, um sujeito com uniforme da polícia rodoviária, baixinho e com a

barba por fazer ao lado de uma moto velha e pequena, (mal)pintada de amarelo, fez sinal para a Kombi parar.

"Putaquepariu!", gritou Ivan. "Tito, some com este troço!"

Tito, todo atrapalhado, abanando a fumaça e apagando o baseado, não sabia o que fazer:

"O que que eu faço? O que que eu faço?"

"Engole", disse Ivan.

Tito começou a comer o baseado. Marcelo pegou um desodorante e aspergiu o ambiente. Ivan desligou o som.

"Vamo logo", ordenou Ivan. E para Marcelo: "Some com esta cerveja".

"Mas eu não posso comer a lata!"

"Dá um jeito!"

Marcelo, num impulso, jogou a lata pela janela.

"Não!", gritou Ivan.

A Kombi, em baixa velocidade, já estava bem perto do policial e da sua moto. A lata, depois de cair pela janela, rolou pelo acostamento até parar exatamente sob o pé do policial. Ele pegou a lata e aproximou-se da janela da Kombi. Os três amigos estavam apavorados. Tito engoliu em seco. O baixinho de uniforme chegou, admirou um dos desenhos multicoloridos da lataria da Kombi e lançou um olhar terrível para o seu interior. Os três tentaram sorrir.

"Os documentos, por favor", disse o baixinho.

Ivan passou os documentos. O baixinho examinou rapidamente os papéis e depois olhou outra vez para os três, que continuavam tentando parecer inocentes e despreocupados, sem sucesso algum. O baixinho guardou os documentos no bolso.

"Sigam a moto", ordenou o baixinho.

O baixinho caminhou de volta para a moto.

"Estamos fudidos!", disse Ivan, arrasado. "Ele deve ter sentido o cheiro do baseado."

O baixinho sentou na moto e deu a partida. A moto fez um barulho estranho. O baixinho olhou para trás, com ar ameaçador e arrancou devagar seguindo pelo acostamento. Ivan conduziu a Kombi atrás da moto.

"Que moto mais estranha...", disse Marcelo. "Até a pintura é meio desbotada. Bem que a polícia rodoviária vive reclamando mais verbas."

"Tá com pena da polícia, ô, babaca?", disse Ivan, irritado.

"E preciso ter calma, minha gente", disse Tito. "Muita calma. Ainda não aconteceu nada demais. O cara tá querendo nos assustar."

A moto saiu da estrada, entrando numa estreita transversal de terra. A Kombi foi atrás.

"Não tô gostando deste negócio", disse Ivan.

A moto dobrou outra vez. Agora os dois veículos estavam nos fundos de um grande galpão abandonado. Um outro policial rodoviário, alto e muito magro, com uma cicatriz imensa no rosto, estava sentado no capô de um Chevette, também (mal)pintado de amarelo, com o emblema da polícia rodoviária (mal)reproduzido numa das portas.

A moto parou ao lado do Chevette. A Kombi encostou logo atrás. O baixinho e o magrão cumprimentaram-se com (malfeitas) continências e depois aproximaram-se da Kombi.

"Todo mundo pra fora", disse o policial magrão.

"O senhor poderia me dizer se...", disse Ivan. Mas o magrão cortou, possesso:

"Pra fora! Pra fora!"

Os três amigos saíram. O policial magrão apontou para o fundo do galpão e ordenou:

"Coloquem as duas mãos na parede. Rápido."

Os três obedeceram. Ivan tentou começar um diálogo:

"Mas o senhor..."

"Quieto", cortou o magrão. "Não quero ouvir um pio!"

O baixinho aproximou-se e disse, com voz macia:

"Vou dar um conselho de amigo pra vocês. Fiquem quietinhos, fiquem calmos, que tudo vai dar certo. Nós estamos aqui para servir e proteger."

O magrão tirou toda a bagagem de dentro da Kombi. Examinou as sacolas. Ficou muito satisfeito com o que encontrou: várias caixas de cerveja, uma câmara de vídeo, um computador portátil e um telefone celular. Finalmente, no fundo de uma sacola, encontrou um pacote de erva-mate. Abriu o pacote e cheirou. Sorriu.

"Tudo em ordem?", perguntou o baixinho.

"Já vamos saber", respondeu o magrão.

O magrão aproximou-se com a câmara, o computador o celular e o pacote de erva-mate nas mãos. Olhou para Ivan.

"Vocês têm nota fiscal destas coisas?"

"É tudo objeto pessoal", respondeu Tito.

"Não falei contigo, rapaz", disse o magrão, ríspido. Voltou a encarar Ivan, que, como o mais velho dos três e motorista da Kombi, parecia ser o responsável pela conduta do grupo de surfistas viajantes. "Espero que você tenha as notas, ou a gente confisca tudo por sonegação de imposto."

"Eu... Eu tenho todas as notas lá em casa", disse Ivan.

"Que pena...", disse o baixinho. "Em casa não adianta."

O magrão estendeu o pacote de erva para o baixinho.

"Dá uma olhada, capitão."

O baixinho cheirou o pacote várias vezes e depois aproximou-se de Ivan.

"Que negócio é este?"

"Erva-mate", respondeu Tito. "Estamos levando para um amigo nosso que mora no Sul. É pra fazer chimarrão."

"Não entendi", disse o baixinho. "Vocês estão levando chimarrão do Rio de Janeiro para um amigo no Sul? Não é o contrário que se faz?"

"E que ele mora em Florianópolis, e esta erva é de um outro amigo nosso, que trouxe de Porto Alegre de avião. É uma erva... especial. Ela é, do tipo... galhuda. Sabe, um tipo raro."

O baixinho cheirou o pacote outra vez.

"Muito especial... Galhuda... Sei."

O barulho de uma sirene interrompeu o diálogo. Uma camionete da polícia rodoviária (esta, de verdade) estacionou ao lado do Chevette. O magrão e o baixinho se olharam, assustados. O baixinho olhou para Ivan e falou em tom ameaçador mostrando o pacote de erva-mate:

"Confirma tudo o que eu disser senão eu falo pra eles o que tem aqui dentro."

O baixinho pegou rapidamente a câmara das mãos do magrão, que havia perdido toda a pose de malvado e não tinha a mínima idéia do que fazer. Dois policiais saíram da camionete, com cara de desconfiados. O primeiro deles era meio careca e o outro era bigodudo. O careca aproximou-se do fundo do galpão e cumprimentou a todos com uma continência. O bigodudo deu uma olhada nos carros e na moto e permaneceu a distância.

"Bom dia", disse o policial careca.

"Bom dia", respondeu o baixinho.

"Estes veículos são dos senhores?", perguntou o careca.

O baixinho mostrou a câmara.

"São. Estamos fazendo um filme."

"Filme?"

"De aventura." O baixinho hesitou por um momento. "Mas também é educativo. Chama-se... Chama-se Os Surfistas de Deus. E financiado pela igreja do Quadrado Pentagonal."

"Nunca ouvi falar dessa Igreja", disse o careca.

"É nova, mas tá fazendo muito sucesso, principalmente entre os jovens. Por isso resolveram fazer este filme. Nesta cena, por exemplo, os surfistas estão levando uma dura da polícia." O baixinho sorriu e apontou para os três amigos. "E eles estão limpos. Em vez de usar drogas, eles usam a Bíblia."

"Por isso que a moto e o Chevette estão pintados de amarelo?", perguntou o careca.

"Exatamente."

O careca começou a rir.

"Mas olha só a nossa viatura. É completamente diferente E estes uniformes? Só um idiota pra acreditar que vocês são da policia rodoviária."

"É que o orçamento do filme é meio baixo. Veio das coletas Nós mesmos estamos trabalhando por amor. Mas Deus nos recompensará." O baixinho faz o sinal da cruz. "Amém."

"Amém" ecoou o magrão, olhando para os três amigos.

"Amém", disseram Ivan, Tito e Marcelo, em uníssono.

O careca olhou para Ivan.

"Você não é meio velho pra fazer papel de surfista?"

"Os surfistas são eles dois." Ivan apontou para Tito e Marcelo. "Eu faço as pranchas pra deles... E também ensino um pouco da Bíblia."

"Ah... Interessante", disse o careca. Voltou-se outra vez para o baixinho. "Não fomos informados de nenhuma filmagem na rodovia. Vocês não sabem que precisam de autorização?"

"Claro. Mas hoje a gente fica por aqui mesmo. Na estrada, é só na semana que vem. A produção já está providenciando tudo. Inclusive eu tenho um primo que é amigo..."

"O que você está segurando?", cortou o careca.

O baixinho olhou para o pacote de erva.

"É erva-mate. Eles... No filme, eles estão levando para um amigo que mora no Sul."

"Erva-mate? Gaúcha? Da boa?"

"Tri da boa. Especial. Galhuda."

"É sua?", perguntou o careca.

"É... Quer dizer é da produção."

O careca gritou para o outro policial:

"Gaúcho, chega aqui."

O policial bigodudo se aproximou.

"Olha só o que eles têm: erva-mate, da boa, vinda do Rio Grande." Para o baixinho: "O Gaúcho tá sempre se queixando que não consegue comprar erva decente aqui no Rio."

O careca pegou o pacote das mãos do baixinho:

"Dá uma olhada."

O policial careca estendeu o pacote para o bigodudo, que cheirou a erva. Estranhou. Cheirou outra vez. Fez uma cara desconfiada.

"Acho que não conheço esta marca."

"É nova", tentou remendar o baixinho, "mas tá fazendo muito sucesso, principalmente entre os jovens."

"Posso experimentar?", perguntou o gaúcho.

"Claro", respondeu o baixinho, com a voz um pouco insegura.

"Eu tenho cuia e água quente na viatura."

Gaúcho se afastou para pegar as coisas. O baixinho ficou nervoso. Olhou para o relógio de pulso.

"Olha, seu guarda, nós já estávamos saindo. Ainda temos que fazer uma cena de estúdio hoje, lá na Barra. E longe à beça."

"Tudo bem", disse o careca.

Ivan sentiu que era a hora de agir.

"Nós vamos levar as coisas pro carro", disse, já pegando a câmara.

Tito pegou o micro e o celular. O baixinho sorriu amarelo, mas não disse nada. Marcelo olhou para o pacote de erva. O gaúcho voltou, com cuia, bomba e garrafa térmica.

"Posso mesmo pegar um pouco?"

"Claro", disse o baixinho. "Não quer ficar com o pacote? É uma gentileza da produção."

"Obrigado."

O gaúcho sorriu e começou a derramar a erva na cuia, sob o olhar desconsolado de Tito.

"Esta erva tem um cheiro estranho", disse o gaúcho.

"Mas é da boa", disse Ivan. "É que é galhuda. Se vocês nos dão licença..."

"Claro", disse o careca. "Tchau pra todos. E sorte com o filme."

O baixinho sentou na moto. O magrão entrou no Chevette. Ivan, Tito e Marcelo voltaram para a Kombi. Os motores foram ligados. Logo os três veículos estavam de volta à estrada. A Kombi saiu na frente, com Ivan acelerando ao máximo.

O policial gaúcho colocou água quente na cuia e introduziu a bomba.

Na Kombi, o ambiente ainda era tenso.

"Mais rápido, Ivan", disse Tito, olhando para trás. "Será que eles vêm atrás de nós?"

Ivan pisou fundo. O motor da Kombi fazia um barulho infernal.

O Chevette do magrão parou ao lado da moto. Magrão estava nervoso.

"Vamo embora", disse ele, "antes que eles tomem a porra do chimarrão. Amanhã a gente tenta de novo."

O baixinho olhou por um instante para a estrada, abanou a cabeça, abandonou a moto e entrou no Chevette, que logo entrou numa transversal e desapareceu.

Gaúcho tomou um largo gole do chimarrão, fazendo barulho e esvaziando a cuia. Colocou mais água e estendeu a cuia para o careca.

"Tá especial."

"Eu não sou muito chegado."

"Mas esta é da boa."

O careca deu um gole pequeno e depois sorriu para o gaúcho.

Na Kombi, o ambiente agora era mais tranquilo.

"E aí?", perguntou Ivan.

"Nada", respondeu Marcelo, olhando para trás. "Estamos livres!"

Os três gritaram, uivaram e se abraçaram.

"Foi a coisa mais maluca que já me aconteceu na vida", disse Tito.

Careca e Gaúcho continuaram tomando chimarrão. Agora falavam com a língua enrolada típica dos muito chapados.

"Sabe que eu tô começando a gostar deste negócio?", disse o careca.

"Bah, cara. Esta erva tá de-mais...", disse o gaúcho.

"Muito boa... O, Gaúcho, você sabe o nome do peixe que caiu do vigésimo andar?"

"Não."

"AAAAAAhhhhh... tum."

Gaúcho pensou um pouco e depois deu uma gargalhada. Logo os dois estavam rolando no chão de tanto rir.

VERA LÚCIA

Vem, vamos tomar banho no rio, disse Vera Lúcia, com a evidente intenção de trepar comigo. Eu tinha 16 anos e estava louco por Vera Lúcia, mas tinha medo daquele rio. Ela percebeu e disse: não tem perigo, a gente fica naquela piscininha, até criança pequena brinca ali, mas hoje não vai ter ninguém, é segunda-feira, vamos logo. E eu fui, morrendo de tesão e ao mesmo tempo todo cagado, porque sabia de muitas histórias de pessoas que estavam na piscininha, bobearam e foram levadas pela correnteza, direto pra cachoeira de Deus me Acuda, um pouco mais adiante, logo depois de uma curva do rio, uma queda livre de quase 50 metros, muito bonita de se ver mas lá debaixo, fazendo piquenique, e não caindo na direção da morte certa.

Vera Lúcia caminhava pela trilha à minha frente e, cada vez que eu pensava em inventar uma desculpa qualquer e desistir ela sacudia a bunda, dava pra ver o começo do reguinho, porque ela, sacana, tinha baixado bem a saia. Chegamos na piscininha e ela logo tirou a roupa. Estava com um biquíni bem pequeno. Eu fiquei de pau duro na hora. Vera Lúcia já tinha trepado com todos os meus amigos, só faltava eu, e eles contaram que tudo começava tirando ela mesma a parte de cima do biquíni e depois pedia que tirassem a parte de baixo, já dentro d'água, já com os corpos se tocando dentro do rio, o rio que levava as pessoas pra cachoeira de Deus me Acuda. Ao mesmo tempo, eu pensava, todos os meus amigos sobreviveram, estão aí, contando vantagem, falando das delicias de trepar na piscininha com Vera Lúcia, enquanto as histórias de gente carregada pelas águas eram casos obscuros, não lembrava do funeral de uma pessoa conhecida, de carne e ossos molhados e esmigalhados, dentro do caixão, sendo levada para o cemitério. Naquela época, as pessoas morriam de ataque do coração ou dos nervos, fora uma que outra picada de cobra ou pastel do bar do Henrique.

De modo que, quando Vera Lúcia tirou a parte de cima do biquíni e entrou na piscininha, eu já tinha decidido que iria trepar com ela. Ela sorriu, boiando de costas, e disse que a água estava quente. Mas eu não entrei, fiquei ali, de pé, vestido, hipnotizado pelos peitos de Vera Lúcia, que afloravam do rio como duas pedras brancas, os bicos apontando para O sol forte do dia 22 de dezembro. Ela disse: tira a roupa. E eu tirei, fiquei só de cueca. Ela disse: entra. Mas eu não entrei. Lembro de ouvir o som dos passarinhos, uma buzina de um carro passando bem longe e o rumor das águas despencando na cachoeira de Deus me Acuda, logo depois da curva do rio.

Vera Lúcia disse: não tem perigo, e, como se quisesse provar a segurança da piscininha, tirou a parte de baixo do biquíni e atirou em mim. Riu quando me abaixei, depois jogou a cabeça pra trás e continuou boiando, agora de olhos fechados, com os cabelos e os pentelhos, ambos muito pretos, formando duas manchas escuras sobre a água transparente. Eu percebi que ela se afastava um pouco da margem, abandonando as águas paradas da piscininha, e gritei: cuidado! Ela levantou a cabeça, sorriu e tentou nadar de volta, primeiro uma braçada preguiçosa, depois uma mais decidida, depois uma sucessão de movimentos desesperados, contra uma correnteza muito mais forte que ela.

Vera Lúcia tentava se agarrar nas pedras, tentava nadar tentava caminhar mas não ficava de pé, logo caía e seguia adiante, envolta na espuma do rio, o rio que levava pra cachoeira de Deus me Acuda. Eu fui caminhando pela margem, lembro de procurar um galho pra estender pra ela, mas nós dois sabíamos o que iria acontecer ninguém gritou, ninguém pediu socorro, na verdade ficamos nos olhando o tempo todo, e eu tenho certeza que a gente se apaixonou naquela hora, que as trepadas com os meus amigos tinham sido só brincadeira, mas comigo seria diferente, talvez a gente começasse a namorar pode parecer bobagem, mas pensei em como seriam meus filhos com Vera Lúcia, enquanto ela rolava na água do rio, bem perto da curva que escondia a cachoeira de Deus me Acuda. Subi correndo um morrinho, a tempo de acompanhar os últimos movimentos de Vera Lúcia, já depois da curva. Ela não lutava mais, agora se deixava levar mantendo apenas a cabeça pra fora, e sempre olhando pra mim, calada, resignada, nua, os peitos brancos aparecendo de vez em quando no meio da espuma e da água brilhante. Não ouvi nada quando ela caiu, nem grito, nem o som do corpo batendo lá embaixo, foi como se tudo continuasse como antes, mas não continuava, porque uma parte de mim também caiu na cachoeira de Deus me Acuda

Hoje, tanto tempo depois, sempre que penso em Vera Lúcia, o que é mais freqüente do que desejaria, a primeira imagem que aparece é aquela da piscininha, ela boiando nas águas tranqüilas e pedindo pra eu entrar. Eu não entrei, não trepei com Vera Lúcia, não caí com ela na cachoeira de Deus me Acuda, e isso me parece um bom motivo para fumar um baseado, tomar um vinho tinto e me arrepender amargamente.